

# Educação, Drogas e Saúde:

UMA EXPERIÊNCIA COM EDUCADORES DE PROGRAMAS SOCIAIS  
(RJ, BRASIL)

SIMONE MONTEIRO

SANDRA REBELLO

CRISTINA CASTELLO BRANCO

MARLY CRUZ

# Educação, Drogas e Saúde:

UMA EXPERIÊNCIA COM EDUCADORES DE PROGRAMAS SOCIAIS  
(RJ, BRASIL)

# Educação Drogas Saúde



# Educação, Drogas e Saúde:

UMA EXPERIÊNCIA COM EDUCADORES DE PROGRAMAS SOCIAIS  
(RJ, BRASIL)

**SIMONE MONTEIRO**

**SANDRA REBELLO**

**CRISTINA CASTELLO BRANCO**

**MARLY CRUZ**

© Copyright 2007 das autoras

**Fundação Oswaldo Cruz - Instituto Oswaldo Cruz**

Lab. de Educação em Ambiente e Saúde  
Av. Brasil 4365, Pavilhão Lauro Travassos - sala 22  
Rio de Janeiro RJ 21040-900  
tel: 55 21 2598 4382 ramal 103  
tel/fax: 55 21 25606474  
e-mail: msimone@ioc.fiocruz.br

**Capa e projeto Gráfico:** A 4 Mãos Comunicação e Design Ltda.

**Copidesque:** Janaína de Souza Silva

**Tiragem:** 1000 exemplares

**Apoio:**



M757 Monteiro, Simone.

Educação, drogas e saúde: uma experiência com educadores de programas sociais (RJ- Brasil) / Simone Monteiro... [et al.]. -- Rio de Janeiro, RJ: Fundação Oswaldo Cruz. Instituto Oswaldo Cruz. Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde, 2008.  
80p.

1. Educação em Saúde. 2. Drogas – Prevenção – Rio de Janeiro (Estado). 3. Saúde Pública. I. Rebello, Sandra. II. Castello Branco, Cristina. III. Cruz, Marly. IV. Título.

CDD 613

# Agradecimentos

*Temos clareza de que os resultados alcançados por esse projeto foram provenientes, em grande parte, da integração e compromisso da equipe e da motivação e envolvimento dos participantes e suas respectivas instituições. Gostaríamos assim de registrar o nosso apreço e agradecimento:*

*À Aurea Alencar do Instituto C&A de Desenvolvimento Social, pelo apoio e estímulo*

*Às instituições que disponibilizaram seus profissionais pela confiança*

*CASA DO MENOR SÃO MIGUEL ARCANJO  
CENTRO COMUNITÁRIO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE JARDIM PRIMAVERA (PROFEC)  
CENTRO COMUNITÁRIO SÃO SEBASTIÃO DE VILA DE CAVA (CECOM)  
CENTRO DE ACESSORIA AO MOVIMENTO POPULAR (CAMPO)  
CENTRO DE CRIAÇÃO E IMAGEM POPULAR (CECIP)  
COOPERATIVA DE TRABALHO ESTRUTURAR/RIO DAS FLORES  
INSTITUTO DE ARTE TEAR  
INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO, ESTUDO, AÇÕES E IMPLEMENTAÇÕES SOCIAIS (IDEAIS)  
INSTITUTO PROMUNDO  
MENINAS E MULHERES DO MORRO  
NÚCLEO ESPECIAL DE ATENÇÃO À CRIANÇA (NEAC)  
SE ESSA RUA FOSSE MINHA  
SOLIDARIEDADE FRANÇA-BRASIL  
SPECTACULU*

*Aos educadores pelo envolvimento e compromisso*

*ALESSANDRA DOS SANTOS FRANCISCO • ALEXANDRA SANTANA DA SILVA • CAMILA LEITE • CLAUDIA LEÃO  
CLAUDIA THEMOTEO • CREMILDA DE JESUS GOMES • CRISTIANE NOGUEIRA ROSA • DAIANE DE JESUS PEREIRA  
DANIEL EVANGELISTA DE SOUZA • EDILMA DINIZ ROCHA • FABIANE MARIA BAHIA • FLAVIANE BARBOSA DA SILVA  
GIANNE NEVES OLIVEIRA • ISADORA SEVERO GARCIA • JUCENIRA MONTEIRO • KÁTIA MENDES DE SOUZA  
MÁRCIO ANTONIO DUARTE • MARIA ISABEL DOS SANTOS CARDOSO • MARÍLIA TEIXEIRA LOPES  
MARLICE DA CONCEIÇÃO PRIMO DA CUNHA • MISLENE GOMES VIANA • MONICA MARIA RIBEIRO MUMME  
ODINÉIA QUIRINO DE SOUZA • ROSÂNGELA SILVA ANGELO • VALÉRIA PEREIRA RIBEIRO DA VITÓRIA  
VANESSA DO NASCIMENTO FONSECA • VITOR BRAGA • WANDERSON DIAS LEMOS • WÂNIA OLÍVIA DA COSTA  
WESLEY JOSÉ DA SILVA*

*À GILBERTA ACSELRAD que formulou e coordenou as oficinas de formação junto com Sandra Rebello*

*À EVELYSE LEMOS pela leitura atenta e competente da publicação*

*À CLÁUDIA CUNHA que atuou como assistente de pesquisa durante parte do desenvolvimento do projeto*

*Ao DAVI FRANCO do INSTITUTO OSWALDO CRUZ pela colaboração e atenção nas tarefas administrativas*



# Sumário

PREFÁCIO 9

APRESENTAÇÃO 10

PARTE 1. PONTOS DE PARTIDA 13

1.1 O que e para quem foi planejado 14

1.2 Como foi planejado 16

PARTE 2. DESENVOLVIMENTO 19

2.1 I Oficina de Formação de Educadores 20

2.2 II Oficina de Formação de Educadores 32

2.3 III Oficina de Formação de Educadores 37

2.4 Apoio às atividades em desenvolvimento 39

2.5 Kit de materiais: jogos educativos, artigos e livros 40

2.6 Seminário “Saúde, Drogas e Educação” 43

PARTE 3. PRINCIPAIS ACHADOS 45

PARTE 4. COMENTÁRIOS FINAIS 53

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 55

ANEXOS 57

ANEXO I. INFORMAÇÕES SOBRE OS JOGOS PRODUZIDOS PELO LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO EM AMBIENTE E SAÚDE (LEAS) - IOC/FIOCRUZ 58

ANEXO II. CARTA-CONVITE 61

ANEXO III. PROGRAMAÇÃO DA I OFICINA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES 62

ANEXO IV. PROGRAMAÇÃO DA II OFICINA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES 65

ANEXO V. PROGRAMAÇÃO DA III OFICINA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES 66

ANEXO VI. INDICADORES DE MONITORAMENTO DOS PLANOS DE AÇÃO 68

ANEXO VII. SUGESTÕES COMPLEMENTARES DE LEITURAS, FILMES E SITES 70





# Prefácio

**É** com enorme satisfação que participamos da edição desta publicação, que traz os aprendizados do projeto **Saúde e Drogas: Desenvolvimento e Avaliação de Ações Educativas em Programas Sociais**. Implementado ao longo de 17 meses, o projeto nasceu de uma aproximação entre o Instituto C&A e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro (RJ), para a criação de uma ação pioneira no campo da educação sobre drogas. O objetivo era formar, em caráter piloto, educadores de instituições sociais apoiadas pelo Instituto C&A no Rio, para a prevenção do uso indevido de drogas entre jovens.

Catorze instituições envolvidas direta ou indiretamente com a educação de crianças e adolescentes aceitaram nosso convite de integrar a proposta. O trabalho começou em fevereiro de 2006 e incluiu a realização de oficinas formativas, a implantação de ações nas instituições para prevenir o consumo de drogas, a avaliação das atividades desenvolvidas e, por fim, a sistematização da experiência.

Instrumento de socialização do conhecimento adquirido durante a jornada, esta publicação é considerada de grande pertinência pelo Instituto C&A. Embora nosso mote seja a promoção e a qualificação do processo de educação de crianças e adolescentes, temos consciência de que o tema das drogas perpassa o dia-a-dia dos educadores. Sabemos, também, que a maneira como tais profissionais lidam com essa pauta define, em grande medida, o sucesso ou o fracasso do trabalho de algumas instituições como um todo.

Muito temos aprendido em nossos 16 anos de existência e uma das lições mais importantes foi a capacidade de reconhecer nossas limitações e de buscar, em parceiros especializados, auxílio para desenvolver projetos em áreas do conhecimento que não dominamos. A parceria com a Fiocruz é mais um exemplo disso. À luz de tudo o que essa iniciativa conjunta produziu, desejamos que os resultados da nossa parceria sejam capazes de produzir impactos verdadeiramente positivos frente a uma demanda social de relevância indiscutível.

PAULO CASTRO  
Instituto C&A



# Apresentação

Segundo a Organização Mundial da Saúde, "droga é qualquer substância, administrada por qualquer via, que provoca alterações no comportamento ou na percepção da realidade". É importante lembrar que, quando usadas com fins terapêuticos, as drogas podem ter um sentido positivo, pois impedem infecções, aliviam dores etc.. No entanto, quando usadas de forma abusiva, causando alterações mentais como sedação, excitação ou alucinações (barato) as drogas adquirem um sentido negativo. Popularmente a palavra droga está associada às coisas ruins.

(fonte: *Jogo da Onda* (Fiocruz/Edições Consultor, 1998).

**E**mbora desperte interesse e curiosidade, o tema drogas tende a ser abordado em um contexto de repressão e medo, havendo pouco diálogo sobre os mitos, desejos e dúvidas em torno do assunto. É sabido que as pessoas consomem drogas lícitas e ilícitas por motivações diversas e combinadas, e os vínculos que serão ou não estabelecidos a partir das experiências iniciais também são variados.

Em geral, os estudos sobre programas educativos voltados para a educação sobre o uso de drogas assinalam o predomínio da abordagem repressiva, centrada em uma visão alarmista e preconceituosa que reforça a noção de controle social e punição dos usuários. Compreendemos que as estratégias preventivas devem buscar minimizar as conseqüências negativas decorrentes do uso, através de alternativas capazes de contemplar as singularidades dos diferentes tipos de droga, de consumo e de usuário.

A importância de ampliar o debate sobre esta temática se pauta no fato de que, no Brasil, o uso de drogas lícitas e ilícitas tem assumido proporções graves, sendo hoje considerado uma questão de saúde pública. As vulnerabilidades ao uso de drogas estão quase sempre imbricadas, sendo algumas delas: danos à saúde; problemas com a polícia e/ou com a justiça; rupturas nas relações interpessoais; acidentes e até mesmo morte. Tais vulnerabilidades aumentam ou diminuem de intensidade dependendo de fatores como: padrão de uso, tipo de droga consumida, quantidade e qualidade da droga utilizada, via de utilização, local e expectativa em relação ao uso. Entretanto, é importante ressaltar que todo uso acarreta algum tipo de conseqüência, sendo, portanto, fundamental conhecer o contexto sociocultural e econômico no qual a droga está inserida, assim como o perfil do usuário, para poder avaliar as suas repercussões.

As implicações coletivas e individuais do consumo de drogas ratificam a necessidade de este fenômeno ser tratado por vários segmentos sociais e nas diversas esferas da vida, como a saúde, a educação e a cultura. Nesta direção, a presente publicação visa a contribuir para a discussão sobre os desafios da educação sobre drogas, por meio da divulgação da experiência do projeto "Saúde e drogas: desenvolvimento e avaliação de



ações educativas em programas sociais”. Coordenado por Simone Monteiro, pesquisadora do Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (Leas) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e desenvolvido por uma equipe de profissionais qualificados, o projeto contou com o apoio financeiro do Instituto C&A. O período de realização do mesmo foi de fevereiro de 2006 a junho de 2007.

O projeto teve o objetivo de promover o desenvolvimento de programas educativos sobre drogas, dentro de contextos formais e não formais. O público-alvo foi um grupo de educadores vinculados a organizações não-governamentais do Rio de Janeiro que realizam intervenções voltadas para crianças e jovens de baixo poder aquisitivo, apoiadas pelo Instituto C&A de Desenvolvimento Social.

As análises aqui apresentadas têm por base: os relatórios produzidos pela equipe da Fiocruz a partir do registro escrito e audiovisual das atividades realizadas; os questionários de avaliação dos participantes, preenchidos anonimamente e as propostas educativas desenvolvidas pelos participantes ao longo do projeto. Por meio da descrição detalhada das etapas do projeto, temos o propósito de compartilhar as estratégias de um programa de formação de educadores sobre drogas, visando estimular a sua reprodução e adaptação para outros contextos educativos.

A descrição da experiência do projeto foi organizada em quatro partes.

Na **primeira parte** descrevemos de que modo o projeto foi planejado e o perfil dos educadores participantes. A **segunda parte** é centrada na definição das três etapas previstas no trabalho, quais sejam: as oficinas de formação dos educadores, o acompanhamento das atividades implementadas e a distribuição do *kit* de materiais. A **terceira parte** apresenta as repercussões do trabalho desenvolvido, destacando o processo de aprendizagem e os entraves encontrados. Ainda neste item reproduzimos parte do depoimento dos educadores participantes em relação às contribuições do projeto para a sua formação profissional e ação educativa. A **quarta e última parte** é dedicada às considerações finais sobre o projeto.

Esperamos que pais, educadores, gestores e pesquisadores das áreas da educação, saúde e cultura encontrem neste material um estímulo para desenvolver ações educativas sobre drogas, capazes de fomentar a comunicação, o diálogo e a formação de redes de apoio. Desejamos assim uma boa leitura e bom aproveitamento do material.

## EQUIPE DO PROJETO

### COORDENAÇÃO:

SIMONE MONTEIRO - Mestre e doutora em Saúde Pública, chefe e pesquisadora associada do Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (Leas) do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz).

### COORDENADORAS DAS OFICINAS:

GILBERTA ACSELRAD - Educadora, mestre em Educação e coordenadora do Núcleo de Estudos Drogas/Aids e Direitos Humanos, Laboratório de Políticas Públicas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

SANDRA REBELLO - Psicóloga clínica com especialização nas áreas de psicologia, educação e saúde e consultora de diversos projetos na área da saúde, educação e drogas, desenvolvidos no Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz).

### ASSISTENTES DE PESQUISA:

CRISTINA ALVIM C. BRANCO - Pedagoga e especialista em supervisão educacional pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e consultora da Secretaria de Estado da Saúde e Defesa civil do Rio de Janeiro.

MARLY MARQUES DA CRUZ - Psicóloga, mestre e doutora em Saúde Pública, pesquisadora visitante do Laboratório de Avaliação de Situações Endêmicas Regionais (LASER) do Departamento de Endemias Samuel Pessoa da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (Ensp/Fiocruz).

O INSTITUTO C&A é uma organização sem fins lucrativos de interesse público, cuja finalidade é promover e qualificar o processo de educação de crianças e adolescentes no Brasil. Para tanto, oferece apoio técnico e financeiro a programas e projetos desenvolvidos por instituições da sociedade civil, organizados em sete áreas: Prazer em Ler; Educação em Tempo Integral; Educação Infantil; Redes e Alianças; Fortalecimento Institucional; Voluntariado Empresarial; Comunicação e Avaliação. Os projetos sociais apoiados pelo Instituto C&A atendem a dois requisitos mínimos: atuam na promoção da educação de crianças e adolescentes e estão situados em cidades ou regiões metropolitanas onde a empresa C&A possui operações. Todas as atividades da organização são mantidas por doações efetivadas pela C&A e por doações diretas dos acionistas (fonte: <[www.institutocea.org.br](http://www.institutocea.org.br)> Acesso 11/10/07)



# Parte I

## Pontos de partida

1.1 O QUE E PARA QUEM FOI PLANEJADO

1.2 COMO FOI PLANEJADO



## 1.1 O que e para quem foi planejado

Com o objetivo de apoiar um projeto sobre educação e drogas, voltado para a formação e desenvolvimento de educadores de instituições de ensino, o Instituto C&A entrou em contato com a equipe do Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (Leas) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em função da sua atuação em pesquisas e na edição de jogos educativos sobre Aids e drogas (ANEXO I). O projeto “Saúde e drogas” foi, portanto, concebido com o objetivo de oferecer uma formação sobre drogas para educadores das organizações não-governamentais (ONGs) que atuavam na educação não formal de adolescentes e jovens. Acordamos com o Instituto C&A que o projeto seria apresentado para todas as 23 ONGs do Estado do Rio de Janeiro, que estavam sendo apoiadas por esse Instituto em 2006, mas a proposta seria desenvolvida apenas por aquelas que demonstrassem interesse e disponibilidade em assumir o compromisso de desenvolver um programa sobre drogas. Assim, o primeiro contato com as 23 instituições foi realizado por meio de carta-convite, cujo conteúdo incluía: uma breve apresentação do projeto; perguntas sobre o interesse em participar do trabalho; as experiências da instituição com o tema drogas e a indicação de dois educadores interessados em integrar o projeto (ANEXO II). Segundo a nossa perspectiva, a presença de pelo menos dois educadores por instituição potencializaria o desenvolvimento do trabalho pela possibilidade de troca, apoio e enfrentamento das eventuais dificuldades.

Do total das 23 instituições consultadas, 14 revelaram que seria altamente relevante fazer parte do projeto para discutir estratégias educativas sobre drogas. Todas indicaram dois profissionais, a maioria do sexo feminino. Com o intuito de complementar os dados das instituições solicitados na carta-convite, realizamos consultas aos *sites* institucionais e à Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais (Abong). Foram priorizados, sobretudo, a missão institucional, os projetos desenvolvidos e a população beneficiada (faixa etária e número de atendimentos).

O conjunto de dados revelou a diversidade das 14 instituições, em termos da estrutura e finalidade organizacional, do público-alvo, das áreas de atuação e das estratégias de intervenção. A maioria das organizações é de grande e médio porte e tem como público-alvo crianças, jovens e familiares das várias comunidades onde atuam. Poucas focalizam a capacitação de profissionais de saúde, educadores e lideranças comunitárias. As principais áreas de atuação dessas instituições são:



arte, educação, saúde e lazer. As estratégias educativas incluem visita domiciliar, trabalho recreativo na sede da instituição, oficinas de teatro e/ou dança, abordagem na rua e atividades sócio-educativas, como capoeira, percussão, ballet, palestras, contação de histórias e apoio escolar. Algumas atuam na formação de redes junto à Fundação São Martinho, Rede Rio Criança, empresas, governo e outras ONGs e na produção de recursos educativos do tipo peças teatrais, jornal-mural, músicas e rádio novela.

Os 28 candidatos ao projeto também apresentam diferenças no que se refere à escolaridade, à função e às atividades na instituição. Em termos da *formação acadêmica* do grupo foi predominante o nível superior, sendo que um terço tinha o ensino médio e dois, o ensino técnico. Quanto aos *cargos na instituição*, cerca da metade ocupava funções como educador, aprendiz, instrutor ou agente comunitário; um terço atuava na coordenação de projetos educacionais segundo as áreas de atuação citadas anteriormente e uma minoria como assistente de projetos.

No que diz respeito às *atividades* realizadas, a maioria prestava atendimento direto às crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social a partir de oficinas relacionadas à saúde, drogas, autocuidado, autoconhecimento, família, cidadania, sexualidade, projeto de vida, mercado de trabalho. Três ONGs referiram que suas atividades têm foco na profissionalização de jovens a partir da capacitação em artes cênicas, artes gráficas, artes visuais, dança, música, teatro, formação circense, criação de espetáculo, informática e literatura. Duas ONGs mencionaram a presença da dimensão religiosa no trabalho realizado, por serem instituições vinculadas à igreja católica. Uma pequena parte das instituições mencionou que articulava o trabalho de atendimento com atividades de pesquisa.

Vale acrescentar que parte das 14 instituições informou abordar o assunto drogas de forma pontual nas atividades realizadas pela organização. Dentre as ações citadas foram referidas oficinas para jovens sobre temas associados as drogas como saúde, corpo, sensação, prazer e história das drogas.

A diversidade das instituições e do perfil dos profissionais foi considerada no planejamento das atividades do projeto, detalhadas no próximo item.



## 1.2 Como foi planejado

CRONOGRAMA																		
Atividades	ANO 1												ANO 2					
	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEB	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL
Envio carta-convite	X	X																
Caracterização dos participantes e das instituições		X	X															
Planejamento I Oficina			X	X	X													
Levantamento bibliográfico para o kit de materiais			X	X	X													
Realização da I Oficina					X													
Acompanhamento das atividades						X	X	X	X	X	X	X	X					
Planejamento II Oficina						X	X	X										
Realização da II Oficina								X										
Planejamento III Oficina												X	X	X				
Realização da III Oficina														X				
Análise dos dados										X	X	X	X	X				
Planejamento seminário															X	X		
Realização do Seminário																	X	
Elaboração e distribuição da publicação																		X

Na concepção de Paulo Freire, o processo educativo deve ser caracterizado por um conhecimento crítico das ações, fruto de uma atitude reflexiva e do constante desvelamento do contexto. O saber construído de forma compartilhada pode levar as pessoas a perceberem a necessidade de transformar o mundo e assim se descobrirem como seres históricos. Por meio da formulação da concepção de *educação para a autonomia*, o autor afirma que educando e educador atuam e contribuem para o processo de aprendizagem (Freire, 1996).

O **Plano de Ação (PA)** construído e implementado pelos educadores participantes deveria conter: o público-alvo do trabalho; os objetivos e a relevância da proposta; as atividades a serem desenvolvidas; os responsáveis pela sua elaboração e execução e as condições e prazo para o seu desenvolvimento e sustentabilidade.

Orientadas pelos ensinamentos clássicos de Paulo Freire sobre a concepção da educação com um ato de mão dupla, inicialmente, buscamos identificar as expectativas e as experiências dos participantes em relação à educação sobre drogas, a partir dos dados obtidos nas respostas da carta-convite. Esses dados foram complementados pelas dinâmicas desenvolvidas na *I Oficina*, descrita, mais adiante (item 2.1.) Tendo por base essas informações, foram previstas três ações complementares:

- **Oficinas de formação de educadores, visando à construção e implementação de um Plano de Ação (PA) voltado para educação sobre drogas, adequado à realidade dos participantes e de suas instituições;**
- **Divulgação e acesso a um kit de materiais com bibliografia e recursos educativos sobre drogas e temas afins;**
- **Acompanhamento das atividades desenvolvidas pelos educadores, por meio de encontros e visitas às instituições e plantão via e-mail e telefone.**

Ressaltamos que as atividades foram definidas no sentido de criar espaços de debate e troca entre a equipe da Fiocruz e o grupo de educadores participantes, sobre diversos conteúdos e idéias associados ao uso de drogas.



Ao longo de doze meses, foram planejadas e desenvolvidas três oficinas<sup>1</sup> complementares, que serão detalhadas nos tópicos seguintes. As oficinas foram caracterizadas por *exposições* sobre conteúdos diversos (por exemplo, o significado histórico do fenômeno das drogas; concepção de educação para a autonomia), por *grupos de reflexão* sobre filmes e histórias reais e por *dinâmicas de grupo* acerca de temas associados a drogas (por exemplo, preconceito, prazer, dependência). Ao longo do desenvolvimento das oficinas, as coordenadoras buscaram identificar de que modo os conteúdos teóricos e práticos e os debates estavam sendo interpretados pelo grupo e qual a apropriação dos mesmos no planejamento das ações educativas sobre drogas. Isto significa dizer que os *Planos de Ação* foram desenvolvidos pelos participantes durante as oficinas a partir da apropriação de novos conceitos e dos estímulos e orientação das coordenadoras.

Na elaboração de um programa educativo, muitas vezes, nos deparamos com diversos imprevistos ou dificuldades que, por vezes, inviabilizam o desenvolvimento da proposta. Assim, no período entre a I e a II Oficina, que durou 3 meses, foram iniciadas atividades de acompanhamento dos *Planos de Ação* pela equipe da Fiocruz, descritas no item 2.4. Lembramos que o estabelecimento de um diálogo com os educadores durante a fase de implementação do programa é fundamental para redefinir os objetivos e/ou estratégias e superar obstáculos encontrados. Desta forma, nos seis meses que transcorreram entre a II e a III Oficinas houve a continuidade do acompanhamento e à sistematização das ações dos *Planos de Ação*.

Partimos do princípio de que as reflexões e abordagens - presentes nos livros, revistas científicas e filmes - sobre os diferentes significados do fenômeno das drogas e os desafios da educação sobre drogas são importantes para estimular novas interpretações acerca das práticas educativas. Neste sentido, além das oficinas e do acompanhamento, foram apresentados e disponibilizados para os participantes um conjunto de jogos educativos, artigos e livros, denominado *Kit de materiais*, relacionado no item 2.5. O *kit* teve por objetivo fomentar e ampliar as reflexões e ações sobre os diversos conteúdos trabalhados e discutidos ao longo das oficinas e, desse modo, subsidiar a formação dos educadores e, conseqüentemente, a prática pedagógica. Esse conjunto de indicações foi complementado por outras sugestões de livros, artigos, filmes, *sítes* descritos no ANEXO VII. No que diz respeito aos recursos educativos, acreditamos que complementam e subsidiam a prática educativa, mas não substituem a ação do educador, daí ser fundamental investir na formação desses profissionais e na análise do impacto desses recursos junto ao público-alvo das ações educativas.<sup>2</sup>



<sup>1</sup> Oficina é um processo de educação participativa, dinâmica, teórica-prática, intuitiva, não-linear, que permite a construção do saber em conjunto, aliando vivências e experiências passadas ao processo atual e na construção de um novo saber, segundo descrição da Portaria n. 3.783, de 1 set. 1995 da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) <http://server01.pge.sc.gov.br/legislacao-estadual/1995/003783-014-0-1995-000.htm>.

<sup>2</sup> Vale destacar que a produção de estratégias e recursos educativos no campo da saúde é significativa. Todavia, há poucos trabalhos sobre a visão dos autores e dos usuários quanto à avaliação da qualidade e à repercussão do uso dos materiais produzidos em diferentes contextos educativos (Monteiro, Vargas & Cruz, 2006).



# Parte 2

## Desenvolvimento

2.1 I OFICINA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES

2.2 II OFICINA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES

2.3 II OFICINA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES

2.4 APOIO ÀS ATIVIDADES EM DESENVOLVIMENTO

2.5 KIT DE MATERIAIS:

jogos educativos, artigos e livros



Conforme mencionado na Parte 1, a formação dos educadores foi composta por três oficinas complementares. O perfil e as atividades dos 28 educadores e das 14 organizações orientaram a formulação da *I Oficina*. Esta foi centrada na apresentação e discussão de conteúdos e na construção dos *Planos de Ação*, adequados às condições e ao interesse de cada instituição participante. A *II Oficina* teve o propósito de orientar o andamento dos *Planos de Ação* institucionais e de discutir novos conteúdos, a partir da demanda dos educadores levantada na oficina anterior. Em diferentes momentos da *I e II Oficinas* foram utilizadas *fichas de registro*, como instrumento de trabalho adequado à proposta metodológica, uma vez que estas permitiriam identificar a visão dos participantes sobre os temas abordados e a apropriação dos conteúdos discutidos. O preenchimento das *fichas de registro* ao longo das oficinas também tinha como objetivo fornecer subsídios para a construção e fundamentação dos *Planos de Ação*. Desta forma, algumas *fichas* foram respondidas em dupla por instituição.

A *III Oficina* foi dedicada à apresentação dos resultados alcançados pelos educadores em suas respectivas instituições. As exposições foram seguidas de comentários das coordenadoras no sentido de indicar as conquistas, as dificuldades e os desafios futuros das propostas desenvolvidas. A seguir descreveremos as estratégias metodológicas utilizadas em cada oficina.

## 2.1 I Oficina de Formação de Educadores

A *I Oficina* (ANEXO III) teve início com a apresentação dos participantes e suas expectativas em relação à formação, a partir do preenchimento da *primeira ficha de registro* que continha indagações acerca do histórico da instituição, dos trabalhos e dos desafios encontrados na ação continuada sobre drogas. A equipe apresentou os objetivos, as atividades previstas e o cronograma do projeto e destacou que, em função de um interesse comum, acreditava ser possível construir uma ação em rede, integrando as particularidades institucionais.

Em seguida, uma das coordenadoras fez uma apresentação sobre o tema *Memória dos diferentes usos de drogas ontem e hoje*. O objetivo era oferecer aos participantes informações e uma contextualização da história do uso de drogas no tempo e no espaço. Por meio dessa abordagem, buscou-se enfatizar que “todas as sociedades conheceram o

“Nossa cultura, como todas as outras, conhece, utiliza e procura drogas. É a educação e a inquietude e o projeto vital de cada indivíduo que pode decidir qual droga usar e como fazê-lo. O papel do Estado não pode ser mais que informar da forma mais completa e razoável possível sobre cada um dos produtos, controlar sua elaboração e sua qualidade, e ajudar os que desejarem ou se virem prejudicados por essa liberdade social.”

*Savater, 2000: 282*



uso de drogas e que a história das drogas é tão longa quanto a história da humanidade e paralela a esta” (Savater, 2000: 282). As drogas foram e vem sendo usadas em rituais sagrados, em exercícios que buscam potencializar o prazer. Foram ora adoradas, ora temidas, tendo seu uso permitido ou proibido, indicando que a relação das pessoas com as drogas tem mudado ao longo do tempo. Foi enfatizado que a reflexão sobre os diferentes usos, a associação das drogas com a violência, e a definição de políticas públicas e de legislações sobre o tema - levando em conta as características e conseqüências da proibição e do uso tolerado - são importantes para uma ação educativa de (re)construção de controles coletivos de uso.

Dando continuidade à proposta de construção do *Plano de Ação*, os participantes foram orientados a preencher a *segunda ficha de registro*, na qual cada um deveria registrar de que forma as questões apresentadas perpassam a sua história pessoal e/ou institucional.

A atividade subsequente foi caracterizada pela formação do *Primeiro Grupo de Trabalho* que teve por objetivo estimular uma reflexão sobre as diferentes possibilidades do uso de drogas em uma sociedade. Os 28 participantes, organizados em grupos de quatro pessoas, deveriam elaborar e apresentar uma história envolvendo o uso de drogas em um *planeta imaginário*. Nas histórias apresentadas na dinâmica, a maioria dos habitantes dos *planetas* tinha liberdade para usar drogas, mas era preciso regulamentar seu uso, no sentido de estabelecer *critérios para o uso controlado* ao invés de priorizar a repressão. A dicotomia prazer-liberdade e abuso-controle esteve presente nas histórias elaboradas, dando a oportunidade de abordar os seguintes pontos: a diversidade das sociedades; questões relacionadas aos benefícios/danos do consumo de drogas; a relação estabelecida com a droga; a liberdade de escolha e os critérios para o uso controlado; o enfoque das propostas de *Redução de Danos* e a pressão social ao uso de drogas, além do uso involuntário.

Na segunda parte da *I Oficina*, os participantes foram convidados a assistir ao filme *Meu nome é Joe*, do diretor Ken Loach (Irlanda, 1998). O filme conta a história do personagem Joe, no passado dependente de álcool, atualmente, animador de um time de futebol amador, formado por jovens rapazes que tiveram conflitos com a lei. No decorrer do filme, através do personagem principal, várias situações são discutidas, entre as quais as relações amorosas perpassadas por situações conflitantes envolvendo o uso de drogas direta ou indiretamente e a relação dos dependentes de drogas com o comércio ilícito e violento. Também há referência à tensão entre os usuários de

## REDUÇÃO DE DANOS

As estratégias de Redução de Danos (RD), preconizadas pelo Ministério da Saúde, compreendem “um conjunto de medidas e de ações de saúde pública para prevenção das conseqüências danosas à saúde, decorrentes do uso de drogas, visando à minimização dos efeitos adversos, sem necessariamente interferir na oferta e no consumo” (Brasil, 2001). O princípio fundamental dessa política é o respeito à liberdade de escolha e à garantia dos direitos humanos. Isto significa dizer que na proposta da Redução de Danos devem ser levadas em conta as vulnerabilidades específicas de cada população, bem como a magnitude do problema das drogas no nível local e internacional (Campos, 2003). Na concepção de Ascelrad (2005), a aplicação da educação para autonomia no desenvolvimento da proposta da Redução de Danos conjuga elementos essenciais para a reflexão e a intervenção no campo da prevenção ao uso abusivo de drogas e da promoção da saúde com qualidade. Essa perspectiva envolve todas as drogas (lícitas e ilícitas), não impõe abstinência de forma radical para todos e de imediato, entendendo que muitos usuários não conseguem, não podem ou não querem interromper o uso. Trata-se de uma perspectiva compreensiva do fenômeno que não se confunde com permissividade. Parte do princípio que a fragilidade não é só individual, mas também coletiva e socialmente construída.



drogas e a equipe de saúde de um programa de tratamento de Redução de Danos, entre outras.

A partir das situações apresentadas no filme, foi realizado o *Segundo Grupo de Trabalho*, no qual cada dupla de educadores deveria escolher dois temas para reflexão e discussão. A lista, proposta pelas coordenadoras com base nos assuntos tratados no filme, continha as seguintes temáticas: tratamento pelos Alcoólicos Anônimos (AAs); abstinência; atividades comunitárias; solidariedade; formas de burlar a lei; relação amorosa entre ex-usuários (dependentes) com uma pessoa não-usuária; tratamento de Redução de Danos da dependência (substituição da heroína pelo medicamento metadona); relação dos dependentes com os serviços de saúde; violência; relação entre uso/tráfico; recaída; overdose e dependência. Visando à inclusão de todos os temas da lista e a um melhor aproveitamento da projeção, a sugestão de escolha dos temas foi feita antes da exibição do filme.

Ao longo do debate sobre o filme, as coordenadoras ressaltaram os seguintes pontos:

- **implicações da solidariedade como fortalecimento dos laços afetivos e profissionais (laços de confiança);**
- **relevância da continuidade dos trabalhos desenvolvidos, favorecendo a reconstrução das relações;**
- **importância do autoquestionamento por parte dos educadores referentes às suas dependências, facilitando a compreensão da dependência do outro;**
- **identificação de uma linguagem comum favorecendo uma melhor comunicação;**
- **valor das atividades comunitárias no sentido de diminuir a incidência da recaída;**
- **diversos tratamentos da dependência de drogas, tais como AAs e Redução de Danos.**

Em seguida, os participantes responderam em dupla (por instituição) a *terceira ficha de registro*, que continha a pergunta: **“Que enfoque você daria aos dois temas (escolhidos na atividade anterior sobre o filme) em um trabalho com o público-alvo de sua instituição?”**

O primeiro dia da *I Oficina* terminou com uma avaliação na qual os participantes foram estimulados a pensar a partir das frases: **Que bom...** e **Que pena...** Seguem as respostas:



**Que bom:** Que estou aprendendo para passar para a comunidade; O encontro - contato com o tema; O filme; Que vim; Poder falar sobre o tema; A oportunidade foi melhor do que eu esperava; Ter participado; Aprendi, aprendi mais; Conhecer outras instituições; Estar aqui; Saber que podemos contar com parceiro, aprofundar conhecimento; Ver muita gente voltada para o social; Ter parceiros; Que ainda tem amanhã; Compartilhar conhecimento; Aprender com os outros; Que a ciência está olhando para quem desenvolve trabalhos voltados para a prevenção (Fiocruz); Que deram a chance de eu estar aqui para passar para outros; A oportunidade de trocar experiências; Debater o tema; O tempo foi apertado, mas vamos continuando por um ano; Ouvir o que os outros estão fazendo - prazer de ouvir as histórias; Que o projeto começou e vamos construir juntos.

**Que pena:** Que os outros [da equipe] não estavam aqui; Ter que fazer recortes; Outros temas deveriam complementar; Que somos poucos da minha instituição; O filme gerou angústia; O pouco tempo, trabalho curto, tempo pequeno, a vontade de esticar a conversa; Que o colega não veio, saiu mais cedo.

O segundo dia da *I Oficina* teve início com a dinâmica *Conceituando Drogas*, cujo objetivo era gerar uma reflexão mais aprofundada sobre os conceitos e preconceitos relacionados ao tema. A partir de uma dinâmica gestual, os participantes, divididos em três grupos, prepararam uma apresentação cênica, sem o uso de palavras, trazendo à tona as seguintes impressões:

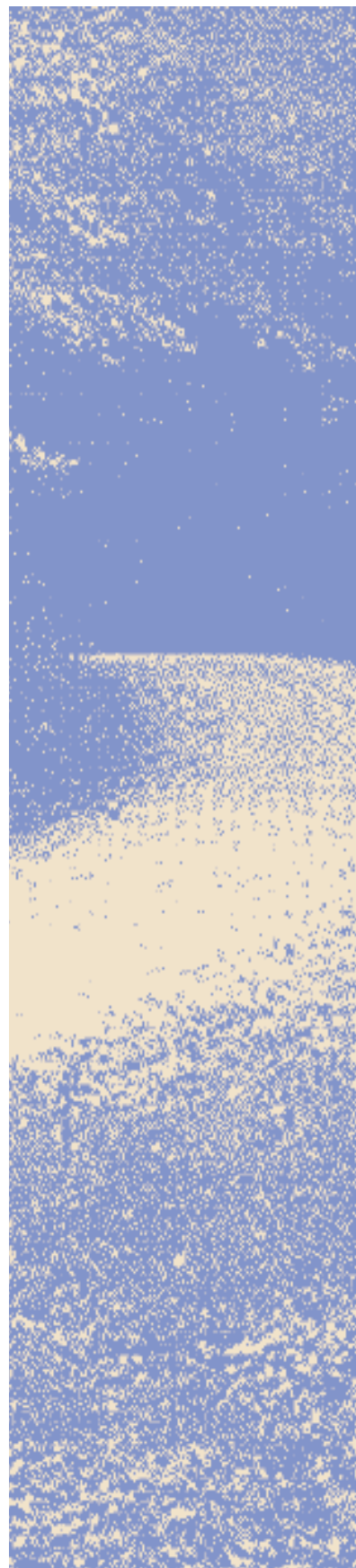
**Grupo 1** - "droga como algo que agrega e separa, une e isola".

**Grupo 2** - "cenas de uso de drogas afetando as relações interpessoais".

**Grupo 3** - "drogas dá um pique e acelera e droga como um processo, vai lentamente e depois se esgota, não saindo do lugar, caminhada sem sair muito do lugar".

Após um diálogo, mediado pelas coordenadoras, sobre o significado dos temas das apresentações, os participantes preencherem a *quarta ficha de registro*, que continha duas questões: "**Qual a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando você pensa em drogas?**" e "**O que é droga?**".

Como atividade subsequente, uma das coordenadoras abordou o tema *Conceitos e preconceitos* relacionados às drogas por meio de uma exposição. Foi destacado como alguns conceitos, de tão repetidos, se tornam verdades inquestionáveis, comprometendo a ação educativa.





Maximizar riscos, dar informações genéricas, confusas, ou mesmo errôneas, como se fossem 'verdades comprovadas', são ações que fazem parte de muitas tentativas da chamada “pedagogia do medo” e não alcançam resultados efetivos.

A reflexão se desdobrou em debates a respeito da definição das drogas, suas classificações biológicas e legais, sua ação no sistema nervoso central; a diferenciação e alcance do conceito de drogas leves e pesadas; tipos de usos e eventuais danos dos usos voluntário e involuntário; relação entre uso de drogas e violência; tolerância; escalada; eventuais danos segundo origem social, faixa etária, inclusão e exclusão social; danos decorrentes do uso indevido; tipos de tratamento da dependência; papel dos profissionais de educação, de saúde, dos especialistas, da polícia, da justiça; política antidrogas - legislação, criminalização, legalização, justiça terapêutica, descriminalização das drogas e suas conseqüências.

Ao término da exposição, os participantes foram solicitados a rever a *quarta ficha* e a responder à questão **“Sua maneira de conceituar drogas mudou após essa exposição?”** Destacamos algumas respostas:

- às vezes é difícil perceber quando o uso de drogas já é excesso, é difícil perceber o que é dependência;
- a droga depende do contexto, da situação do usuário, precisamos ampliar nossa visão; a droga é toda substância que, penetrando no nosso organismo, provoca dependência;
- começo a desenvolver uma diferenciação entre uso, dependência e seus níveis, porque acabamos tratando a todos como iguais;
- a dependência terá relação com a história de vida, momento atual, condições e circunstância em que o sujeito se encontre;
- não devemos nos estressar tanto, devemos buscar conscientemente e sem deixar de amar o outro;
- precisamos ter ferramentas para suportar as recaídas, sem frustrações;
- nunca devemos julgar, mas sempre participar, construir com...

Com o propósito de fazer com que os participantes percebessem o quanto diversas atividades de lazer estão associadas ao uso de drogas, foi realizado o *terceiro grupo de trabalho*. Os educadores foram solicitados a escrever o que lhes dava prazer e a relacionar três situações de lazer de sua preferência. Suas respostas, transcritas para o quadro, orientaram o debate sobre as relações entre uso de drogas e situações de lazer, como: *beber com amigos e festas, dançar, assistir ao futebol, conversar com amigos, conviver com a família, jogar, curtir um bom programa*. Foi salientada a importância de incluir o tema *prazer* nos trabalhos relacionados às drogas.



Em seguida, para complementar a discussão, foi feita uma exposição intitulada *Drogas: busca pelo prazer ou fuga* que teve por objetivo estimular um questionamento sobre a maneira de lidar com as diversas situações na vida e seus reflexos no uso das drogas. Tal abordagem trouxe uma discussão para o grupo sobre as diferenças entre o uso abusivo e o uso terapêutico das drogas, os cuidados com a saúde e com o corpo e o uso de drogas dentro de uma sociedade consumista. Dentro dessa mesma temática, foram assinaladas formas de buscar prazer e suas implicações dentro das relações familiares, afetivas e profissionais, a partir dos seguintes temas: consumo e prazer, tolerância à frustração e à dor, fuga, dependência, saúde e doença, lazer e drogas, responsabilidade e culpa.

Tendo por base os temas debatidos, foi solicitado aos educadores o preenchimento da *quinta ficha de registro*, com a pergunta: **“Como você trabalharia a questão do prazer em uma proposta de prevenção ao uso abusivo de drogas, direcionada ao público-alvo de sua instituição?”**. Citamos algumas respostas dos participantes:

- fazendo um levantamento em grupo, com a mesma faixa etária, sobre o que é prazeroso no entender desse grupo, facilitando o diálogo sobre o prazer e, pontuando com informações científicas adequadas e concluindo com atividades escolhidas pelo grupo;
- sugerindo aos jovens completar a frase “ter prazer é...”, expor essas frases num quadro, promover a explicação de cada escolha, trabalhar as diferenças de opção de prazer, relacionar as escolhas com o uso de drogas lícitas e ilícitas e, no final cada participante responderá à pergunta: “depois do debate, você percebe a relação do prazer com a droga de forma diferente?”
- com atividades interativas que provoquem comentários sobre experiências e sensações, reflexão sobre o que é prazer, satisfação, bem-estar e alegria alcançados e percebidos naquela atividade;
- com atividades que realmente interessam às pessoas, para que possam experimentar e saber qual dá prazer, não se restringindo apenas às atividades que privilegiam o lado racional;
- com filmes polêmicos, engraçados, reflexivos provocando debate, opiniões sobre prevenção do uso abusivo de drogas e, com atividades externas à instituição para que o grupo possa conhecer alguns tipos de drogas, locais de tratamento, de forma descontraída;
- com cultura, teatro, promovendo a participação e criatividade na organização e realização da ação;
- identificando o próprio local de realização da atividade com o grupo-alvo e como aquele que seria prazeroso para o encontro, e numa reflexão coletiva identificar de que forma cada um sente prazer e, depois, propiciando atividades, como comer, relaxar, dançar, ouvir música, pensar.



## VISÃO DOS JOVENS

Os jovens apresentam muitas questões e perguntas sobre o uso de drogas, mas as respostas, quando dadas, muitas vezes são permeadas pela desinformação, fantasia, mitos e preconceitos. As dúvidas, por vezes, são mais freqüentes que o próprio uso de determinadas substâncias, e são poucos aqueles que têm condições de respondê-las com conhecimento. Em algumas ocasiões, o jovem tem medo de perguntar a seus pais, responsáveis ou a outras pessoas, com quem tem vínculo mais próximo, pelo receio de eles inferirem que ele faz uso de alguma droga. Estudos sobre a visão de estudantes, de ambos os sexos, a respeito do fenômeno das drogas, revelam os contrastes entre o discurso preventivo repressivo e as motivações para a experimentação de drogas lícitas e ilícitas. Observa-se que a iniciação ao uso está relacionada a um conjunto de fatores, como curiosidade, pressão social do grupo, banalização do uso, fácil acesso às drogas e falta de informação adequada sobre eventuais danos decorrentes do uso de drogas. Constata-se ainda a ausência de confiança dos jovens na polícia, identificada como a instituição do aparato do Estado responsável pela segurança da população. As visões dos jovens, encontradas em diversos estudos, muitas vezes, não são identificadas nas campanhas sobre o abuso de drogas, centradas em uma abordagem alarmista e preconceituosa do fenômeno (Monteiro, Vargas & Rebelo, 2003). As dissonâncias entre a visão do grupo pesquisado e o discurso preventivo repressivo e/ou técnico informativo sugerem a necessidade de os programas educativos valorizarem as formas

*continua na página 27*

<sup>3</sup> MACEDO, S.; ACSELRAD, G. Entrevistas realizadas no quadro do projeto de elaboração de material educativo sobre Drogas e Redução de Danos, apoio da ONG Comunidade Solidária, 2000.

A atividade seguinte foi o *quarto grupo de trabalho: histórias reais, histórias de gente*, centrado na discussão de entrevistas realizadas com usuários de drogas lícitas e/ou ilícitas.<sup>3</sup> O debate foi orientado por um roteiro. Foram formados seis grupos que realizaram a leitura e discussão de seis entrevistas, com posterior apresentação para a turma. As entrevistas questionavam os danos pessoais e coletivos do uso de drogas ilícitas, como a maconha e a cocaína; o uso experimental de vários tipos de drogas como forma de chamar a atenção da família; a identificação do uso de drogas com base em suspeitas, sem fundamento real, com posterior evidência de que se tratava de um problema de saúde banal, associado indevidamente ao uso de maconha, entre outras.

Durante o debate sobre as entrevistas, foram suscitadas diversas questões relativas: à possibilidade do uso controlado de maconha; às implicações das informações preconceituosas; à importância da credibilidade da informação no trabalho educativo junto aos jovens; à falta de informação dos pais acerca das drogas e à dificuldade do diálogo que podem gerar julgamentos precipitados, equivocados de uma visão crítica sobre os discursos preventivos.

Na seqüência, a exposição *A educação para a autonomia X Prevenção, limites e possibilidades da ação educativa* teve o propósito de chamar a atenção para a importância de uma reflexão sobre os fundamentos que orientam as abordagens educativas sobre drogas. Partindo da premissa que a prevenção significa evitar que alguma coisa aconteça, foi questionado se a prevenção do uso seria efetivamente possível, já que todas as sociedades conheceram o uso de drogas. Como alternativa aos limites do impedimento do uso e da orientação para a abstinência, nem sempre alcançável para todos, foi destacado que a educação para a autonomia atua no sentido da inibição mínima da imaginação e no desenvolvimento máximo da atividade de reflexão e de ação voltadas para escolhas que possam contribuir para uma construção pessoal e coletiva na ótica da redução dos danos, prevenindo desta forma, aí sim, o uso indevido de drogas (Acselrad, 2005).

Após a exposição, os educadores preencheram a *sexta ficha de registro* a partir das seguintes questões: **“Com base no que você acabou de ouvir na exposição aponte algumas questões vivenciadas em seu cotidiano?”**, e **“Aponte algumas ações possíveis de serem colocadas em prática na sua instituição”**.

No que se refere às questões do cotidiano, destacamos algumas respostas:



- discutimos temas de saúde da criança, saúde da mulher, desenvolvimento infantil, arte e cultura, sempre estimulando a participação de todos para que apresentem suas opiniões e soluções sobre a realidade apresentada;
- nossa discussão acontece em grupo, com uma metodologia de construção coletiva do sujeito, autor de sua própria história; os projetos sempre partem de uma demanda espontânea, as ações são elaboradas de forma a promover mudanças;
- a reflexão que promovemos não é imposta, nem obrigatória, mas estimula a noção de um fazer diferente, sem danos à consciência do que se pode ou não pode fazer;
- sempre trabalhamos com crianças e adolescentes e, hoje, após 12 anos de atividades, estamos na 'adolescência institucional' e nos damos conta que negamos a questão das drogas; nossos adolescentes são hoje adultos e abusam do álcool, tabaco, maconha.

de apreensão e as repercussões das informações transmitidas. Compreendemos que este enfoque pode revelar o alcance das metas esperadas e sugerir reformulações nas ações e investigações no campo da educação em saúde.

Quanto a possíveis ações institucionais, foi apontado:

- **discussão entre técnicos e comunidade, espaços de diálogo entre os diversos saberes, entre as diferentes faixas etárias, trazendo o tema das drogas à tona;**
- **a participação e capacitação de lideranças para ampliação do trabalho institucional;**
- **a criação de grupos de estudo, oficinas, encontros, eventos que ajudem a orientar a prática desenvolvida nas comunidades, trazendo as famílias para junto da instituição, na linha da educação para a autonomia;**
- **a busca de informações, a pesquisa e coleta de diversos materiais, formando redes de apoio que facilitem o contato, os encaminhamentos, construindo resultados a partir de relatos, ações;**
- **a capacitação da equipe da instituição para apoiar as famílias; a conscientização ao invés da proibição.**

A exposição que se seguiu foi centrada em *Questões relevantes para a elaboração de um Plano de Ação*, na qual foram salientados pontos fundamentais a serem respondidos no planejamento de um *Plano de Ação*. É preciso saber: **Para quem?** (quais as características de nosso público-alvo: sexo, faixa etária, número de participantes); **Por quê?** (qual o objetivo, relevância da proposta); **Quem?** (quais os responsáveis pela elaboração e execução, qual a participação da instituição) **O quê?** (quais atividades serão desenvolvidas, quando, durabilidade, carga horária, linguagem). De forma complementar, foi ressaltado que, embora o processo de avaliação não tenha sido abordado nesta *I Oficina*, o projeto se propunha, mais adiante, a criar alguns indicadores para identificar a repercussão do trabalho desenvolvido; tal aspecto foi aprofundado na *II Oficina*.



Os participantes foram então estimulados a pensar sobre o dia a partir das frases: **O que eu levo... O que eu deixo...** Destacamos alguns registros:

**Deixo...** A vontade; A correria; A ansiedade; Beijos por que não venho no dia seguinte; A curiosidade; Harmonia para amanhã; Menos dúvidas; Dúvidas; Preconceito; Alegria; Saudade, pois não virei amanhã; Angústia; Expectativa de amanhã;

**Levo...** Vontade de fazer; Troca de experiência; Mudança de paradigma; Sutileza do espiritual; Compartilhamento de idéias; Visão mais ampla; Prazer; Atualização; Sabedoria; Reflexões; Experiência; Conhecimento; Desejo de ajudar.

O terceiro e último dia foi dedicado à elaboração da primeira versão dos *Planos de Ação*. Os educadores receberam todas as *fichas de registro*, utilizadas ao longo da *I Oficina* e, em dupla (por instituição), preencheram a *sétima e última ficha de registro*, referente à elaboração do *Plano de Ação*. Esta ficha continha os seguintes pontos:

- público-alvo/grupos priorizados (por exemplo, pais, alunos, educadores etc.);
- características do grupo no que se refere à idade, sexo, número de participantes;
- objetivo das atividades;
- agentes responsáveis pela elaboração e execução do plano de ação;
- atividades a serem realizadas e cronograma (regularidade, carga horária, local, dinâmicas, enfoque);
- possibilidade de sustentabilidade e continuidade da proposta.

Após a leitura de todos os PAs pelas coordenadoras, foram apresentados comentários gerais que deveriam ser levados em conta no desenvolvimento das atividades propostas, quais sejam:

- Na abordagem do tema drogas junto aos jovens é importante buscar uma compreensão coletiva dos riscos atuais que cercam a experiência. Cuidado para não **trazer e impor** a realidade dos fatos, como forma de convencimento;
- A educação para a autonomia deve ser construída localmente, em cada **Plano de Ação**;



- É importante assinalar a complexidade que envolve o uso, seus diferentes aspectos, indo além dos eventuais danos decorrentes do uso;
- Sugere-se abordar o tema drogas a partir do prazer, da vulnerabilidade, dos eventuais riscos, da educação para a autonomia e, por fim, dos danos decorrentes do uso indevido e dependência. Começar pela dependência e danos decorrentes do uso pode alterar o objetivo buscado; pode afastar os jovens que usam e ainda não tiveram problemas, porque não se identificam como em situação de risco;
- A proposta de **Redução de Danos** deve ser discutida em profundidade, no sentido de evitar distorções. É comum identificar a Redução de Danos com permissividade, o que não é real, tendo em vista a implantação em vários países;
- Embora seja relevante a divulgação de informações sobre a prevenção de agravos em saúde, essa estratégia apresenta limites. O uso de drogas é um tema complexo e não deve ser restrito a mensagens curtas, rápidas e descontextualizadas. Há exemplos de campanhas interessantes que escapam ao reducionismo e fortalecem a vontade de decisão, como a frase **“quem faz o meu caminho sou eu, não a droga”**, de autoria do escritor Ziraldo, veiculada pela Prefeitura do Rio de Janeiro em 2000 e 2001. Todavia, nessa mesma campanha foram produzidas outras frases pelo autor como **“droga é uma merda”**, e **“o usuário de drogas é responsável pela violência do tráfico”**, que não consideramos adequadas pelo fato de reforçarem a perspectiva discriminatória.
- A família é um dos espaços privilegiados de construção de valores, não devendo ser culpabilizada, de forma descontextualizada, pelo fato de um dos seus membros fazer uso indevido de drogas;
- O papel do educador é orientar e não vigiar e punir; essa tarefa cabe ao âmbito jurídico, e policial.
- É interessante partir da experiência dos jovens, do grupo envolvido no **Plano de Ação**, privilegiando a escuta das vivências e com base nelas construir uma ação, evitando chegar com um pacote pronto de informações;
- A formação do educador deve ser uma preocupação constante. O educador inseguro, mal informado e apoiado apenas no **senso comum** sobre o tema tende a impor verdades definitivas, a ser preconceituoso e a agir de forma repressiva e, desta forma, não fortalece a capacidade de reflexão e decisão dos jovens.

Quanto às questões metodológicas, foram assinaladas as seguintes sugestões:

- a clareza dos objetivos ajuda a vislumbrar as ações e sua continuidade;
- é preciso ter cuidado com ações pontuais, é preferível inserir o tema dentro de propostas ou atividades já existentes na instituição;





- o excesso de atividades pode prejudicar a assimilação do conteúdo; a frequência das atividades deve ser definida em função da disponibilidade da população;
- a metodologia deve levar em conta as características e demandas do público-alvo;
- é necessário pensar na sustentabilidade da proposta e em uma contrapartida institucional que não se resuma a aspectos somente relacionados à infra-estruturas (lanche, condução, etc).

Após as considerações gerais, cada instituição recebeu a devolução do seu *Plano de Ação* com os comentários das coordenadoras. Foi destacado que alguns PAs indicaram uma formulação razoavelmente completa e promissora. Outros careciam de alguns ajustes em relação às atividades, definição do público-alvo, dos objetivos e dos agentes responsáveis pela realização do PA e/ou na explicitação da sustentabilidade e continuidade das ações. Houve aqueles que estavam mais incompletos, revelando a importância das atividades de acompanhamento.

Neste sentido, foi apresentada a proposta de acompanhamento institucional, descrita no item 2.4, pela equipe da Fiocruz, no período entre a *I* e a *II Oficina*, por meio de contatos via e-mail ou telefônicos e de uma visita da equipe a cada organização. O fortalecimento da ação interinstitucional foi estimulado, tendo sido distribuída a lista de endereços de todos os participantes. Foi também divulgado o cronograma das próximas atividades do projeto.

Ao final da *I Oficina* cada instituição recebeu um conjunto de livros, artigos, textos de lei e recursos educativos sobre drogas e temas afins, denominado *Kit de Materiais* (item 2.5.). O conteúdo de todos os materiais foi apresentado ao grupo, com objetivo de estimular o seu uso. A intenção desse investimento foi subsidiar e amparar o desenvolvimento dos *Planos de Ação*, com base numa literatura científica e de qualidade. A maioria dos educadores identificou que o *kit de materiais* poderia ser usado na fase de sensibilização das equipes institucionais, no aprofundamento das temáticas tratadas na *I Oficina* e em atividades mais lúdicas para crianças e adolescentes.

Na avaliação final da *I Oficina*, 21 dos 28 participantes responderam individualmente uma ficha de avaliação sobre o conteúdo, a metodologia, a aplicação prática e os temas apresentados. A ficha também tinha um espaço para a auto-avaliação e para sugestões. A maioria dos participantes respondeu que a oficina esteve acima da expectativa nos quesitos "conteúdo" e "metodologia" (exposições, grupos de trabalho, registros, discussão de casos, recursos audiovisuais).



Dentre os comentários sobre a *metodologia* utilizada predominou o reconhecimento da possibilidade de um novo enfoque sobre a temática, permitindo uma postura diferente diante do problema do uso de drogas. Outros aspectos positivos mencionados foram:

- o tipo de abordagem do tema, considerada excelente;
- a realização do *Plano de Ação* em dupla como algo que facilitou o trabalho;
- o interesse despertado pela apresentação de casos de diversos usos de drogas, ainda que tenha sido considerada “uma atividade longa”;
- as atividades terem sido “bem planejadas”;
- o enfoque das ações no indivíduo e suas singularidades;
- as orientações para pesquisa sobre o tema;
- a motivação despertada para passar o aprendido aos demais educadores das instituições.

Em relação ao *conteúdo*, a maioria afirmou que a oficina permitiu uma ampliação significativa do conhecimento; outros revelaram a satisfação com a qualidade das informações disponibilizadas e a atualidade do conteúdo. Foi também destacada a importância da discussão sobre a “Educação para autonomia” como referencial pedagógico privilegiado no trabalho com o tema. No que refere à *organização* do evento, a falta de tempo em relação à grande quantidade de atividades foi o aspecto mais citado. A maioria dos participantes se sentiu *muito motivada* durante a oficina, e o desempenho pessoal foi percebido como *participativo*. Não foram assinaladas dificuldades quanto aos temas tratados. Os participantes demandaram para o encontro seguinte um aprofundamento do tema a *Educação para a autonomia* articulada ao tema do projeto, bem como maior tempo para trocas de saberes e reflexões sobre as práticas educativas.

Com base na análise das respostas dos participantes e nas observações feitas ao longo do trabalho, podemos dizer que a avaliação da *I Oficina* foi bastante positiva. Houve importantes repercussões para os participantes no que se refere à possibilidade de atribuir novos significados ao uso de drogas e, sobretudo, de rever a sua prática cotidiana no que concerne às ações de educação em saúde. A *I Oficina* favoreceu a construção de *Planos de Ação* nas instituições voltadas para divulgação e discussão dos conteúdos teóricos e práticos, para os membros da equipe, bem como para a formulação de ações junto às pessoas atendidas pela organização. O grupo de participantes revelou interesse em aplicar os conhecimentos e reconheceu a importância de trabalhar na formação dos demais educadores da instituição para que os *Planos de Ação* pudessem ter êxito. Vale dizer que essa atitude foi



alimentada ao longo da *I Oficina* na medida em que a abertura para questionamentos e debate foi uma preocupação constante das coordenadoras. Desta forma, a apropriação do saber como parte do processo ensino-aprendizagem não significa um ato de *doação* que o educador faz ao educando, mas, conforme ressalta Freire, “cria possibilidades para sua própria produção ou a sua construção do conhecimento” (1996: 47).

## 2.2. II Oficina de Formação de Educadores

Após três meses foi realizada a *II Oficina* (ANEXO IV), que teve por objetivo: introduzir novos conceitos; reforçar conteúdos abordados na *I Oficina*, tendo em vista a demanda dos participantes; estimular a troca de conhecimento advindos das experiências entre os participantes; fortalecer a ação em rede e dar continuidade aos *Planos de Ação* já em andamento localmente.

Para possibilitar uma orientação das ações desenvolvidas até então, antes da *II Oficina*, foi enviado, pela equipe da Fiocruz, um roteiro com os seguintes tópicos: público-alvo atingido; atividades realizadas; alcance dos objetivos pretendidos; agentes envolvidos na execução do plano e integração institucional; sustentabilidade e continuidade; utilização do *kit de material* distribuído na *I Oficina*; dificuldades e facilidades encontradas ao longo do processo. Cada instituição deveria enviar o roteiro preenchido até uma semana antes da *II Oficina* para que as coordenadoras tivessem a oportunidade de analisá-los. Ou seja, a supervisão dos PAs foi previamente planejada com base: nos PAs elaborados na *I Oficina*, nos relatórios de campo realizados pela equipe da Fiocruz durante as visitas de acompanhamento e nos dados do roteiro encaminhados antes da *II Oficina*.

A exposição inaugural desta oficina teve como foco o conceito de *monitoramento* e a necessidade de criação de indicadores para monitorar e/ou avaliar o andamento e as repercussões das ações desenvolvidas. Tendo os *Planos de Ação* como referência, buscou-se orientar o grupo sobre:

- a importância dos registros das atividades planejadas e desenvolvidas em cada instituição;
- a construção de indicadores qualitativos e quantitativos no acompanhamento e na avaliação das ações desenvolvidas. Foi enfatizada a diferença entre monitoramento e avaliação (M&A), bem como os tipos M&A, de indicadores e de fontes de dados (Brasil, 2005).



Com objetivo de fornecer um suporte teórico e prático a partir da troca de experiências entre as instituições, após a exposição, cada instituição foi solicitada a apresentar o trabalho em andamento segundo um roteiro preestabelecido, citado anteriormente. Ao longo do dia, as coordenadoras da *II Oficina* teceram comentários e fizeram sugestões de ajustes sobre todos os PAs apresentados, tendo por base cada item do roteiro.

Após as análises de todos os *Planos de Ação* foram feitas mais duas exposições. A primeira foi centrada na noção de vulnerabilidade e a segunda no aprofundamento do tema *A educação para a autonomia X Prevenção, limites e possibilidades de ação educativa*. Na abordagem da vulnerabilidade, foi enfatizada a diferença entre risco e vulnerabilidade, descritas as três dimensões da vulnerabilidade (individual, social e programática) e discutida a noção de vulnerabilidade relacional. A partir desse referencial, foi assinalada a relação da vulnerabilidade com o uso e abuso de drogas e sua aplicação no desenvolvimento de práticas educativas. O propósito foi oferecer elementos que rompessem com a idéia de culpabilização e responsabilização individual em relação às drogas e possibilitassem a sua compreensão como um processo dinâmico, multifacetado e determinado por diferentes fatores.

Nesta direção, foi salientado que a caracterização da vulnerabilidade de diferentes indivíduos e grupos sociais ao uso indevido de drogas pode orientar a definição das necessidades e demandas do grupo-alvo da intervenção educativa. Para atuar na perspectiva da redução de vulnerabilidades ao uso de drogas, é importante valorizar a compreensão dos padrões socioculturais dos grupos sociais alvos da intervenção. Como dito anteriormente, não é apenas o uso de drogas que determina maior vulnerabilidade das pessoas, mas o modo como a droga é usada e o contexto de uso, incluído aqui a forma como os grupos sociais são percebidos e identificados pelos órgãos de controle do uso de drogas. Da mesma forma, é de grande relevância considerar as concepções e atitudes que orientam o uso da droga (quem, quando, em que condições).

Em função da demanda dos educadores, nesta *II Oficina* foi retomada a exposição *A educação para a autonomia X Prevenção, limites e possibilidades da ação educativa*. Além de aprofundar o tema, esta exposição permitiu fornecer outros esclarecimentos acerca da mudança da legislação sobre drogas em agosto de 2006, expressa na nova Lei Antidrogas (Lei n. 11.343) que instituiu o Sistema Nacional de Políticas sobre drogas. Este sistema estabelece medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; prevê normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito, define crimes e dá outras providências. Nessa leitura, salientou-se a ambigüidade desta lei que, de início, propõe alguns princípios afir-

## VULNERABILIDADE

A noção de vulnerabilidade ganhou visibilidade na área da saúde no início da década de 1990 com a publicação do livro de Mann, Tarantola e Netter (1993), em um contexto de crítica ao enfoque epidemiológico de risco como elemento norteador de estratégias de prevenção em saúde pública, no geral, e do controle do HIV/Aids, em particular. Com o objetivo de superar os limites do conceito de risco, centrado na idéia de culpabilização e responsabilização individual, em detrimento a outros fatores, foi desenvolvida a noção de vulnerabilidade, definida como o conjunto de fatores de natureza biológica, epidemiológica, social, cultural, econômica e política. A interação desses fatores amplia a exposição ou reduz a proteção de um grupo social, diante de uma determinada doença, condição ou dano. Essa noção pode ser mais bem compreendida pela definição das dimensões da vulnerabilidade, apresentada por Ayres et al. (1999), quais sejam:

- A **vulnerabilidade individual** refere-se ao grau e à qualidade das informações que os indivíduos têm sobre o problema, assim como à capacidade da pessoa de elaborar essas informações, incorporá-las ao seu repertório cotidiano e transformá-las em práticas. Como exemplo de aspectos do comportamento que contribuem para o aumento da vulnerabilidade individual, podemos mencionar: o sentimento de onipotência e invulnerabilidade ("isso não vai acontecer comigo"); a necessidade de explorar, experimentar riscos, transgredir; o medo, a desinformação, a dificuldade de fazer escolhas, enfrentar a pressão dos outros e/ou administrar esperas e desejos.

- A **vulnerabilidade social** caracterizada pela estrutura social, política e econômica relacionada à garantia dos direitos humanos e de cidadania e às condições de bem-estar social da população. Esta dimensão diz respeito ao acesso aos meios de comunicação, à disponibilidade a bens e recursos materiais, ao poder de influenciar decisões políticas e à possibilidade de enfrentar barreiras sócio-culturais. São expressões dessa dimensão da vulnerabilidade: a dificuldade de acesso a informações; o baixo grau de escolaridade; a opressão e exploração sexual e

continua na página 34



de gênero; a existência de barreiras sociais na adoção de medidas protetoras; a dependência econômica; o medo de se expor; a violência doméstica e sexual, a violência urbana, os diversos tipos de preconceitos e discriminações.

- A **vulnerabilidade programática** se refere ao desenvolvimento de políticas comprometidas com o controle da epidemia, como fornecimento de informação/educação e investimentos nos serviços sociais e de saúde para a população. Essa dimensão da vulnerabilidade pode ser exemplificada pela carência e pela baixa qualidade de serviços de educação e saúde; despreparo e falta de suporte institucional dos educadores em lidar com as questões de saúde; carência de profissionais, nas diversas áreas, capazes de estabelecer uma interlocução com a população; dificuldade de acesso a programas e projetos sociais, aos meios de informação, educação e comunicação, a redes de serviços de educação e saúde, aos meios de prevenção e promoção à saúde. Ao destacar que a chance de exposição das pessoas a agravos resulta de um conjunto de aspectos individuais, coletivos e contextuais, a concepção de vulnerabilidade traz como proposta um novo referencial para compreender e intervir sobre problemas de saúde.

mativos de cidadania, mais adiante contrariados no capítulo que define os crimes e as penas na diferenciação entre usuário/traficante. Foram aumentadas as penas previstas para a produção e comércio de drogas ilícitas, e retirados direitos constitucionais já adquiridos, tais como a liberdade condicional.

Com o propósito de construir ações orientadas pela concepção da educação para autonomia, na seqüência, foi realizado o Grupo de Trabalho *Histórias reais, histórias da gente*, sobre casos reais relacionados ao uso de drogas. Os participantes formaram pequenos grupos de discussão sobre os casos apresentados, a partir de um roteiro proposto pelas coordenadoras. Depois, partilharam com todos do grupo suas visões e sugestões de encaminhamentos.

A seguir, apresentamos uma das histórias trabalhadas na *II Oficina* com o **GRUPO 1**:

### **Era uma vez Celina e uma lâmpada quebrada...**

Celina (35 anos) é professora de nível médio, dá aula de história numa escola de periferia do Rio de Janeiro. Na escola onde trabalha, de forma recorrente, a lâmpada de uma das salas de aula aparece quebrada. A escola já trocou a lâmpada várias vezes, mas o problema se repete. Celina toma a decisão de ter uma atitude mais firme em relação ao fato e reúne seus alunos.

Após a leitura da história, as coordenadoras solicitaram aos participantes do **GRUPO 1** que se colocassem no papel da professora Celina e conversassem sobre que atitudes deveriam ser tomadas em face do problema. Para estimular a discussão, foram sugeridas as seguintes questões:

- Tente reconstruir o dia-a-dia de Celina na escola. Imagine a relação que Celina tem com seus alunos.
- Que proposta Celina fez a eles, na tentativa de resolver a ocorrência?
- Como os alunos reagiram? Como Celina reagiu?
- Houve desdobramentos em relação à proposta inicial?
- Outras figuras de autoridade da escola foram envolvidas no encaminhamento dado? Os pais foram chamados a intervir? Em caso afirmativo, descreva.
- Na presença dos pais, como reage(m) o(s) aluno(s)?
- Como Celina analisa criticamente sua proposta e o encaminhamento dado ao problema, do ponto de vista pedagógico?
- Que atitudes deveria ter evitado? Que atitudes deveria ter privilegiado?
- Como Celina analisa a segurança na comunidade? A maior ou menor segurança interferiu na sua atividade? De que forma?



- O encaminhamento dado resolveu o problema? Se não resolveu, explique por quê.
- Na sua opinião, Celina agiu conforme a educação para a autonomia ou segundo a pedagogia tradicional? Explique e justifique.
- O que vocês diriam a Celina sobre como lidar com o uso de droga, hoje, no contexto escolar?

Ao final da apresentação dos seis grupos, os participantes foram solicitados a preencher uma ficha de avaliação sobre o conteúdo e a metodologia adotada na *II Oficina* e a possibilidade de aplicação prática das questões discutidas. As respostas foram muito positivas. A maioria considerou a oficina satisfatória no que diz respeito ao *conteúdo* (66,5%), à *metodologia* utilizada (60%) e às possibilidades de *aplicação prática* (73%). Do total, 93% do grupo se sentiu motivado ou muito motivado durante a oficina. Na auto-avaliação sobre a *participação* ao longo do evento, a maioria indicou a opção participativo.

A motivação foi expressa pelos seguintes comentários: **“Conteúdo interessante e estimulante”**; **“possibilidade de discutir os assuntos, tirar dúvidas e trocar experiências”**. Os três que se sentiram pouco participativos alegaram estarem presentes pela primeira vez na oficina ou não terem executado o *Plano de Ação*. Apenas três dos participantes (15%) apontaram problemas pessoais como um fator que dificultou o acompanhamento dos temas apresentados. Todos os temas foram destacados como importantes para o desenvolvimento do trabalho. A formação de rede entre os participantes surgiu em algumas respostas como um aspecto relevante para a continuidade do trabalho, tendo em vista a necessidade de parceria e o estímulo para execução do *Plano de Ação*.

Em uma avaliação geral sobre o desenvolvimento dos *Planos de Ação*, os dados indicaram que oito instituições investiram no projeto de forma mais plena, resultando de fato em uma implementação do PA, para além da realização de atividades esparsas. O histórico, a estrutura e a qualificação dos profissionais atuantes nestas instituições parecem ter colaborado para que elas tivessem condições não só de elaborar, como de executar um plano de trabalho. Tal fato já havia sido evidenciado na própria elaboração do PA, durante a *I Oficina*.

As seis instituições que tiveram mais problemas na implementação de seus PAs foram aquelas que apresentaram maiores dificuldades na elaboração do mesmo, sendo que quatro delas demonstraram interesse e comprometimento com o projeto durante a *I Oficina*, mesmo tendo-se limitado a atividades esparsas ou paralelas àquelas previstas nos seus respectivos PAs. Duas outras instituições não compareceram à *II Oficina*, uma possivelmente devido a uma prática ainda iniciante (re-





presentantes muito jovens e pouco preparados para lidar com uma proposta desse porte) e outra identificada fortemente com a política antidrogas - crença na abstinência e na repressão como solução do problema da droga.

Cabe ainda ressaltar a dificuldade de parte dos educadores em abordar o tema drogas na instituição junto aos demais profissionais, jovens, pais, familiares, tendo em vista a resistência das pessoas e a presença do tráfico de drogas no cotidiano de algumas comunidades. Outro aspecto relevante diz respeito ao fato de algumas instituições terem incorporado as concepções de Educação para a Autonomia e Redução de Danos em sua prática institucional, ainda que carecendo de maior clareza sobre as diretrizes dessas propostas. Para outras, estas representavam propostas inovadoras, levando-as a afirmar uma *intenção* de mudança de paradigma. Nos dois casos, verificou-se o fortalecimento da implementação dos PAs, com aproveitamento da supervisão. Como dito anteriormente, apenas uma instituição rejeitou este enfoque, afastando-se do projeto.

O relato sobre o *kit de materiais* distribuídos na *I Oficina* revelou que, apesar de os recursos terem sido integrados aos acervos institucionais, foram muito pouco explorados pelos educadores. Com objetivo de potencializar o uso, foi solicitado aos participantes que registrassem a avaliação de pelo menos um dos materiais do *kit* utilizado pela instituição. Os resultados finais, descritos no item 3, indicaram que, a despeito da percepção dos educadores sobre a riqueza e variedade dos materiais, o uso do *kit* ficou aquém das expectativas iniciais do projeto, embora permanecesse a possibilidade de utilização posterior.

A *II Oficina* permitiu a identificação dos avanços, problemas e desafios das organizações na implementação dos *Planos de Ação*. Este encontro promoveu um espaço de discussão sobre as dificuldades enfrentadas, além de possibilitar orientações e sugestões para o desenvolvimento do trabalho, considerando as especificidades de cada uma das instituições. Posteriormente à *II Oficina*, três instituições enviaram seu roteiro de apresentação da implementação do PA, com a devida incorporação das sugestões feitas pela supervisão, supondo-se aqui a dificuldade em elaborar registros por escrito e a sobrecarga de atividades, apontada sistematicamente pelos participantes.

Durante o período entre a *II* e *III Oficina* foi dada continuidade às atividades de acompanhamento dos *Planos de Ação* por parte da equipe da Fiocruz. Buscou-se ainda estimular a sistematização das ações desenvolvidas.



### 2.3 III Oficina de Formação de Educadores

Após seis meses<sup>4</sup> da *II Oficina*, ocorreu a terceira e última oficina, voltada para a apresentação dos trabalhos desenvolvidos nas instituições, a partir dos *Planos de Ação* (PAs) construídos nas oficinas anteriores. Para facilitar o processo de sistematização dos dados, foi enviada aos educadores, previamente, uma sugestão de roteiro, com os seguintes tópicos: breve histórico da instituição; responsáveis e/ou envolvidos na elaboração e execução do plano de ação; público-alvo; atividades; utilização do material distribuído na *I Oficina*; monitoramento e avaliação; objetivo do PA; sustentabilidade/continuidade (ANEXO V)

Por meio de recursos audiovisuais, bem organizados e ilustrados (por exemplo, utilização do *power point*), em suas apresentações os educadores demonstraram importantes avanços nas atividades desenvolvidas. As descrições das ações, conquistas e dificuldades foram apresentadas de forma clara e objetiva, expressando os conhecimentos aprendidos nas oficinas anteriores. Algumas instituições, que já vinham desenvolvendo as atividades propostas em seus PAs, enviaram uma sistematização antes da realização da *II Oficina* e assim conseguiram progredir na implementação dos mesmos, criando grupos com encontros constantes.

Outras souberam adaptar seus PAs, tendo em vista as dificuldades encontradas por várias organizações, relacionadas ao tabu e às resistências à temática em questão. Nos casos de resistências internas à proposta por parte de membros das organizações, os educadores optaram por começar a implantação do PA com a sensibilização da própria equipe. Em outros casos, a introdução do tema, a princípio negada pela população beneficiada pelos projetos, foi feita a partir de fatos ocorridos e divulgados pelos meios de comunicação de massa. De qualquer modo, vale salientar que o medo de abordar um tema complexo ligado a atividades ilícitas, a resistência em identificar os medicamentos (de uso legal, prescritos pela autoridade médica) como drogas e a percepção da falta de preparo para lidar com o tema, em geral, prejudicam o desenvolvimento de trabalhos educativos sobre drogas.

Demais dificuldades levantadas foram a necessidade de uma abordagem sobre drogas apropriada para crianças e como garantir a presença dos jovens nos grupos de discussão, devido à alta rotatividade de pessoas nos espaços das ONGs. A diversidade de projetos dentro da organização e a falta de espaço físico apropriado também foram



<sup>4</sup> O intervalo de três meses entre a I e II Oficinas e período de 6 meses entre a II e III Oficinas foram planejados em função do tempo que os educadores necessitavam para desenvolver as ações propostas pela equipe do projeto.



citadas como dificuldades. Cabe enfatizar que os entraves apontados foram superados, seja com o apoio da supervisão, realizada durante a *II Oficina*, seja com as orientações passadas durante as visitas, seja a partir de soluções vindas dos próprios representantes das instituições.

Cabe destacar ainda a ênfase na transversalidade do tema drogas nas ações educativas e a percepção dos educadores de que a vulnerabilidade não era apenas do público-alvo de suas ações. Os educadores também se mostravam vulneráveis, pela quantidade de atividades institucionais, pela sensação de terem a obrigação de encontrar uma solução mágica para o “problema da droga”, em condições, na maior parte do tempo, muito adversas. Alguns participantes afirmaram que suas visões sobre o tema mudaram inteiramente; outros reconheceram que somos todos usuários, o que permitiu “sentir agora o lado humano”.

De um modo geral, pudemos concluir que a manutenção do número de participantes indica o estabelecimento de um vínculo com a equipe do projeto e com a proposta em si. O desdobramento externo de alguns PAs demonstrou crescimento dos educadores para além dos muros institucionais. Segundo alguns participantes, a percepção do *alcance e força da nossa palavra* junto aos familiares dos jovens atendidos estimulou o grupo e fortaleceu o desenvolvimento e aprimoramento das ações educativas.

A falta de tempo, tão alegada nas oficinas anteriores, não foi citada na *III Oficina*. Os dados obtidos a partir das fichas de avaliação sugerem que os objetivos foram atendidos. Das pessoas presentes na *III Oficina*, 18 responderam individualmente ao questionário. A apresentação dos trabalhos foi considerada satisfatória (55%) ou acima da expectativa (44%). Os comentários apontam a riqueza da troca de experiências entre as instituições, como ilustrado neste depoimento: **“foi bastante interessante pra gente perceber os diversos modos como podemos trabalhar com o tema”**.

A maioria afirmou que a metodologia empregada e os conteúdos abordados nas oficinas favoreceram o desenvolvimento de ações, como mostra o percentual obtido no item *possibilidade de aplicação na prática*: 72% *satisfatório*. Os comentários revelam que os participantes reconheceram e valorizaram a proposta do projeto de considerar a prática destes atores sociais, levando-os a perceber as brechas para introduzir novos conceitos e metodologias de trabalho acerca das temáticas que envolvem a educação sobre drogas. Todos os participantes demonstraram satisfação quanto à atuação das coordenadoras (50% apontaram como satisfatória e 50% disseram ter sido acima da expectativa). Esta avaliação positiva foi reiterada nos comentários do tipo: **“enriqueceram**



**as apresentações ainda mais, pois nos mostram o que é possível”, e “as observações e contribuições não dissociaram da sensibilidade e potencialidade da equipe de educadores”.**

Por fim, cabe ressaltar que as respostas referentes ao item *a contribuição do Projeto Saúde e Drogas* para a sua atuação profissional e a opinião sobre as ações educativas sobre drogas revelam mudanças positivas no crescimento profissional dos participantes, como ilustrado pelos depoimentos dos educadores, reproduzidos no final da Parte 3.

## **2.4 Apoio às Atividades em Desenvolvimento**

Com o propósito de orientar o processo de implantação das ações educativas nas instituições, as etapas de acompanhamento dos *Planos de Ação (PA)* foram realizadas a partir de uma visita a cada instituição e de um plantão via e-mail e/ou telefone da equipe da Fiocruz. Vale lembrar que as visitas não eram obrigatórias e foram agendadas apenas quando houve interesse da instituição.

Cada visita foi precedida pela leitura e análise do histórico da instituição, das *fichas de registros* utilizadas na *I Oficina* e dos PAs elaborados. Além de um roteiro de visita, também foram utilizados os indicadores gerais e específicos (ANEXO VI) desenvolvidos a partir dos objetivos presentes nos PAs de cada organização. O roteiro de visita continha os seguintes aspectos: viabilidade do PA; população atingida; metodologia adotada; mudanças e resultados do PA; dificuldades e facilidades na execução do PA; utilização do *Kit de Materiais*; forma de registro das atividades e uso e adequação dos indicadores (construídos ou recomendados).

Ao longo do projeto, 10 (dentre as 14) instituições foram visitadas durante a implementação dos PAs. Temos como pressuposto que a proposta da visita às instituições com o objetivo de orientar a implementação dos PAs foi, a princípio, vista por alguns educadores como uma *fiscalização*, o que pode justificar a resistência inicial. A não realização da atividade proposta também foi relatada por alguns participantes como justificativa para o não agendamento da visita de acompanhamento no período entre a I e II oficinas.

Duas instituições solicitaram visita na semana que antecedeu a *III Oficina* possivelmente com a intenção de apresentar ações do PA ou ainda como uma tentativa de não perder essa oportunidade. De fato, verificou-se que os dados obtidos nos registros das visitas e nos relatos orais, durante a *II Oficina*, evidenciaram a validade da proposta. Em



alguns casos, os PAs foram reformulados a partir da orientação dada pela equipe da Fiocruz. Em algumas visitas, o mais importante foi ouvir e refletir junto com os educadores sobre caminhos, que não estavam sendo identificados por eles, para inserir a temática das drogas no seu contexto institucional.

No geral, todos os educadores que tiveram suas instituições visitadas afirmaram a importância da visita para o reajuste de seus planejamentos e apoio mais direto para o enfrentamento de algumas dificuldades pontuais identificadas na execução do PA. Vale dizer que as instituições que estavam implementando o PA foram mais receptivas à visita.

## **2.5 Kit de Materiais Educativos e Referências Bibliográficas como Suporte das Ações**

Conforme relatado, na *I Oficina* os educadores receberam um conjunto de livros, textos e recursos educativos. O propósito da doação desse *kit de materiais* foi o de fornecer reflexões complementares sobre o uso de drogas e temas afins (por exemplo, DST/HIV/Aids, sexualidade etc.) e auxiliá-los no desenvolvimento das ações educativas. O levantamento deste material bibliográfico foi realizado no próprio acervo do Leas/IOC/Fiocruz (livros, revistas, manuais, mídias etc.), no acervo pessoal da equipe do projeto, e por meio de *sites* de referência que abordam a temática.

Do conjunto de referências bibliográficas e materiais educativos identificados, foram selecionados aqueles considerados fundamentais para a formação dos educadores. Por ser a temática das drogas dinâmica, novos documentos, reportagens e publicações foram sendo enviadas aos participantes como forma de atualização e adaptação das demandas durante as oficinas. Assim, ao final do projeto, os participantes haviam recebido um conjunto de indicações de artigos, livros, filmes e *sites* (ANEXO VII), bem como os materiais relacionados a seguir.



ACSELRAD, G. (Org.) *Avessos do Prazer: drogas, Aids e direitos humanos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005.

Reunião de artigos sobre drogas e Aids, na contramão das políticas antidrogas, repressivas e discriminatórias. A publicação trata dos direitos humanos, e tem como objetivo contribuir para a reflexão e ação dos atores sociais com prática institucional e/ou comunitária no campo da educação, saúde, meio ambiente, legislação, políticas públicas afirmativas de direitos dos usuários de drogas e pessoas vivendo com HIV/Aids. Os autores são oriundos de várias áreas do conhecimento (antropologia, ciência política, direito, educação, meio ambiente, psicanálise, psicologia, psiquiatria, saúde coletiva e sociologia urbana). Os textos publicados demonstram que é possível que as instituições discutam e atuem para a implementação de políticas públicas que incluam todos os segmentos da sociedade.

ARATANGY, L. R. *Doces Venenos, Conversas e Desconversas sobre Drogas*. São Paulo: Editora Olho D'Água, 1991.

Tendo como ponto de partida interpretações de contos de fadas e histórias cotidianas, Mãe e Filha dialogam sobre as mais diversas questões relativas ao consumo de drogas. Neste sentido, mitos e preconceitos são questionados. O diálogo entre pais e filhos é apontado como uma saída para resolução do problema da droga, abordagem que é exercitada na própria escrita da publicação que consegue de forma lúdica tratar de um tema tão cercado de tabus e preconceitos.

BATISTA, V. M. *Díficeis Ganhos Fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, Instituto Carioca de Criminologia, ICC, 1998.

O trabalho trata de uma análise qualitativa de processos (Juizado de Menores) e relatórios elaborados pelos técnicos do sistema sócio-educativo e evidencia a cristalização das diferenças do tratamento dado aos jovens, no qual os pobres são identificados ao estereótipo criminal, enquanto os ricos são considerados usuários, dependentes, carentes de orientação e tratamento especializado protegido pela esfera privada/doméstica. Aborda ainda a reprodução das metáforas criminalizadoras - a juventude pobre como suja, imoral, vadia, perigosa - presentes no discurso da equipe técnica (psicólogos, psiquiatras, pedagogos, médicos e assistentes sociais), o que reforça o sistema punitivo.

CARNEIRO, H. *Pequena Enciclopédia de Drogas e Bebidas no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, Elsevier, 2005.

Este livro mostra que a experiência das drogas está presente em todos os momentos da história humana, e a compreensão de seus usos implica múltiplos argumentos. Vai de encontro às tendências que abordam as substâncias psicoativas do ponto de vista de sua ação no organismo, de forma reducionista e descontextualizada. Esta pequena enciclopédia, com mais de 150 verbetes, recupera a memória das substâncias, articulando seus efeitos com tempo/espaço, contendo curiosidades que abrangem aspectos históricos, socioeconômicos, culturais e científicos de substâncias comuns, proibidas e exóticas, em uma viagem através dos tempos e da civilização.

*Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei n. 8.069/90. Brasília: MNMMR, Secretariado Nacional, 1992.

Trata-se de texto de lei exemplar sobre direitos especiais da criança e do adolescente. Em razão das dificuldades de sua aplicação, é uma leitura essencial para educadores, pais e a própria população concernida. Publicação do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMMR). Define direitos fundamentais, prevenção e prevenção especial, política de atendimento, medidas de proteção, prática do ato infracional, medidas sócio-educativas, justiça da infância e da juventude, proteção judicial dos interesses individuais difusos e coletivos, entre outros. Em anexo e, elaborado pelo Centro de Direitos Humanos Bento Rubião/RJ, o texto "A criança e o adolescente e o ato infracional, o que fazer?" define os atores envolvidos, situações, competências, direitos e instrumentos da sua garantia, modelos de petição de incriminação e de *habeas corpus*, principais crimes cometidos contra a infância e juventude. No final da publicação, o MNMR descreve como atua, seus conselhos e suas experiências de formação de educadores. Uma leitura essencial para educadores, pais e a própria população concernida.

EXCOLA - *Caderno Temático Drogas, Meninos e Meninas, prevenção ao consumo abusivo nas ruas*. Rio de Janeiro: Centro de formação do MNMMR, Projeto EXCOLA, Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social, apoio da Comunidade Européia e Caritas Neerlandica, 1994.

Produzido pelo Projeto "Ação Nacional de Prevenção ao Abuso de Drogas entre Meninos e Meninas de Rua", o caderno discute as concepções e experiências dos educadores do Excola.



Inclui, na Parte I, instruções de uso sem abuso, relato de experiências dos educadores, descrição do Projeto Excola e seu cenário de atuação, estudo de caso com roteiro para reflexão e discussão, vários jogos educativos que não demandam materiais específicos. Este jogo inclui um tabuleiro com pista em espiral, cartas nas cores vermelha (três perguntas em aberto), azul (três afirmações/certo ou errado?) e verde (três situações/perguntas), quatro peças coloridas e um dado. O Jogue a cola inspirou-se nas histórias e comportamentos que meninos e meninas apresentam quando usam cola. Trata-se de uma alternativa metodológica que tem como objetivo o exercício do pensar, o despertar da consciência e da formulação crítica, a oferta de uma escolha/opção. A Parte II inclui considerações teóricas e concepções dos educadores, além de uma proposta de educação popular a luz dos ensinamentos de Paulo Freire.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *A Política do Ministério da Saúde para a Atenção Integral a Usuários de Álcool e Outras Drogas*. 2.ed. revista e ampliada. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

O texto propõe pensar ações políticas eficazes e alternativas à abordagem que medicaliza a questão do uso abusivo de drogas. Faz referência à prevenção e ao tratamento como educação para o consumo, construídos através de programas articulados (governamentais e não-governamentais). Considera que a abstinência não é a única meta possível e viável aos usuários. A partir da apresentação crítica de um panorama nacional de consumo de álcool e outras drogas, propõe diretrizes para a política de atenção integral nesta área, afirmando a estratégia de Redução de Danos como alternativa à política antidrogas.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Manual de Redução de Danos, Saúde e Cidadania*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. (Série Manuais, n. 42)

A publicação aborda a prevenção e tratamento precoce dos danos associados ao uso de drogas injetáveis, como a infecção pelo vírus da Aids. O uso de drogas injetáveis tornou urgente a criação dos Programas de Redução de Danos (PRD) voltados para a prevenção da infecção pelo HIV e outros agentes de transmissão sexual e sanguínea. O manual sistematiza a experiência nacional acumulada nos PRD nos últimos dez anos. É dirigido aos trabalhadores da área social e de saúde e redutores de danos. Propõe uma reflexão sobre os preconceitos que cercam o usuário de drogas. Mostra que a estratégia de redução de danos é uma realidade no Brasil que se amplia para outros espaços, tais como os Centros de Testagem e Aconselhamento

(CTA), os Serviços de Assistência Especializada (SAE) e os Núcleos e Centros de atenção Psicossocial (Naps e Caps) e algumas farmácias.

REBELLO, S.; MONTEIRO, S. *O Jogo da Onda: entre na onda da saúde*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Edições Consultor, 1998.

Jogo educativo, elaborado a partir de pesquisa sobre prevenção ao uso indevido de drogas, destinado aos jovens, também podendo interessar educadores/pais que têm dificuldades em pensar a questão. O Jogo da Onda difunde informação e discute o tema das drogas, propondo: que tal perder o medo de falar? Que tal dizer o que sabemos e não sabemos, e jogar e, assim, instrui e diverte. Constituído por um tabuleiro em forma de espiral, onde se alternam casas com cinco cores; quatro baralhos de cores diferentes abordando temas relativos à família, sexualidade, dependência, religiosidade, drogas e seus efeitos, tratamento, automedicação, auto-estima, legislação e Aids; um dado simples numerado de uma a seis; quatro peças coloridas; um manual para educadores, pais e participantes com textos, dicas e sugestões bibliográficas; um encarte com as regras do jogo. O jogo incentiva sua re-criação, em termos de conteúdo (novas situações e sugestões de encaminhamento) e prática (a pista em espiral podendo ser desenhada com giz num chão de cimento com peças humanas).

SAVATER, F. *Ética como Amor-Próprio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 281-288.

O livro contribui de forma clara e objetiva para o debate institucional sobre o *problema das drogas*. O capítulo selecionado apresenta dez teses sociopolíticas sobre as drogas, ressaltando os seguintes aspectos: "todas as sociedades conheceram o uso de drogas, o direito à realização complexa e plural da liberdade, o direito ao tratamento/reabilitação custeada pelo Estado, a inutilidade e perigo da proibição que visa ao controle social, o uso de drogas como direito a defender, a urgência da descriminação internacional, a inveja do gozo improdutivo e não compartilhado, a crítica da mítica droga como causa dos males juvenis, o autodomínio em contraposição à abstinência".

Textos de leis penais sobre drogas, sugerida a leitura: BRASIL. Lei Federal 6.368, de 21 de outubro de 1976 e Lei 10.409, de 11 de janeiro de 2002, ainda em vigor, Lei Federal 10.409/02, Lei Estadual 4.074/2003. Noções básicas sobre aspectos legais.



## 2.6 Seminário “Saúde, Drogas e Educação”

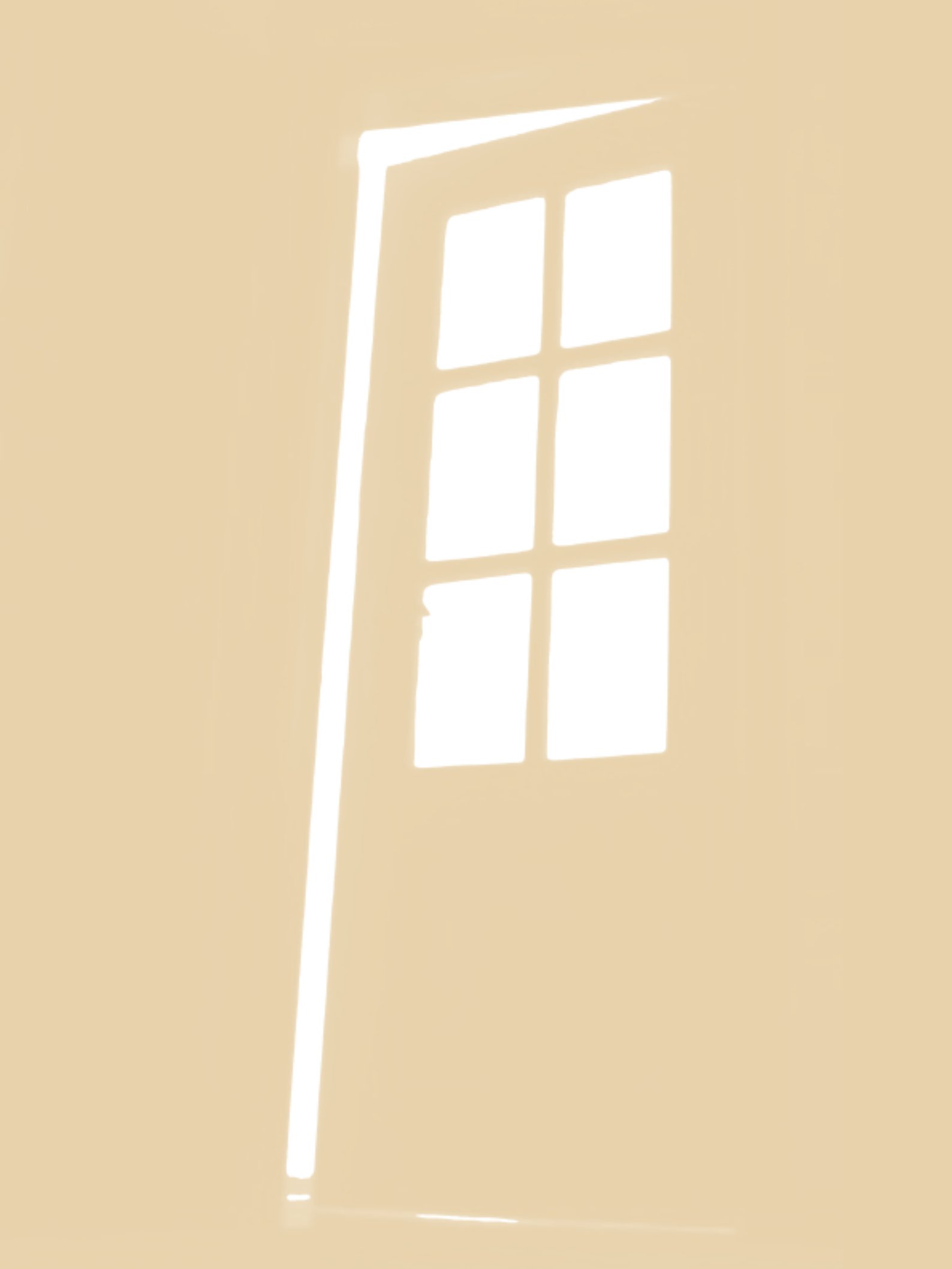
Com o objetivo de divulgar a experiência do projeto, em junho de 2007 realizamos o Seminário “Saúde, Drogas e Educação”. Foram convidadas todas as 14 instituições que participaram do Projeto, bem como as demais instituições apoiadas pelo Instituto C&A no Rio de Janeiro, além de representantes da Secretaria Estadual de Educação, da Assessoria de DST/AIDS da Secretaria Estadual de Saúde, da Coordenação do Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e Drogas Raul Seixas. Estiveram presentes 23 participantes.

Inicialmente a coordenadora do projeto e a representante do Instituto C&A, Áurea Alencar, ressaltaram o sucesso da parceria entre as instituições ao possibilitar o desenvolvimento de ações educativas relativas à saúde, drogas e temas afins junto a educadores das organizações não-governamentais (ONG).

Num segundo momento, o conferencista convidado Dr. Marcelo de Araújo Campos (médico, consultor do Serviço Social da Indústria - Departamento Nacional SESI/DN) trouxe uma reflexão acerca das diferentes abordagens educativas sobre drogas, destacando a importância de se levar em conta o contexto de uso, o sujeito e o tipo de droga. Em sua exposição foram assinaladas as visões estereotipadas acerca das drogas e indicadas estratégias para superação dessa perspectiva por meio da prática educativa.

Logo após a conferência, as coordenadoras das oficinas apresentaram uma retrospectiva do trabalho realizado, enfatizando a opção metodológica pela construção dos *Planos de Ação* e pelas estratégias de acompanhamento da implementação dos mesmos, sem perder de vista a sustentabilidade e a continuidade da proposta.

Ao final, a coordenadora do projeto citou o referencial teórico-metodológico adotado pela equipe e assinalou os principais resultados alcançados pelo trabalho, que estão descritos no item 3.



# Parte 3


# Principais achados

AÇÕES DESENVOLVIDAS PELOS EDUCADORES NAS ORGANIZAÇÕES

APRENDIZADOS

PRINCIPAIS ENTRAVES ENCONTRADOS

OPINIÃO DOS PARTICIPANTES



**C**om o objetivo de identificar as repercussões do projeto, a equipe da Fiocruz realizou observações durante as três oficinas e produziu relatórios sobre as mesmas. As visitas de acompanhamento do processo de implantação dos *Planos de Ação* de cada organização também foram registradas, sendo destacados os avanços, as dificuldades encontradas e as sugestões propostas. Ademais, após cada oficina, foi solicitado que os educadores respondessem um questionário de avaliação sobre a atividade e enviassem um relatório sobre os *Planos de Ação* que estavam sendo desenvolvidos.

A partir da sistematização dos dados colhidos buscamos: identificar de que modo os conteúdos trabalhados foram interpretados pelos educadores; como a bibliografia e os recursos educativos foram utilizados; quais os avanços e os principais entraves no desenvolvimento dos *Planos de Ação* de cada instituição; a motivação e interesse dos educadores pelo projeto. Os achados foram divididos em quatro tópicos: 1) ações desenvolvidas pelos educadores nas organizações; 2) aprendizados; 3) principais entraves encontrados; 4) opinião dos participantes.

### **Ações desenvolvidas pelos educadores nas organizações**

Conforme assinalado, o perfil das organizações envolvidas no projeto apresenta variações em termos da estrutura e finalidade organizacional, da experiência profissional e do aporte financeiro. Embora tal diversidade não tenha comprometido o desenvolvimento do trabalho e a interação do grupo, ela repercutiu no desempenho dos *Planos de Ação*. Isto significa dizer que as descrições das ações desenvolvidas são diferenciadas, tendo em vista a variação dos perfis das instituições integrantes do projeto.

Um aspecto comum à grande parte das organizações refere-se à capacidade dos educadores em estabelecer parcerias internas e externas, no âmbito governamental e da sociedade civil organizada, nas áreas da educação, saúde e cultura. Por meio de atividades de colaboração tais parcerias permitiram a ampliação e a potencialização dos *Planos de Ação* de cada instituição.

A inserção do tema drogas em projetos já existentes e a criação de profissionais de referência e de espaços de diálogo sobre o tema na instituição foram importantes para divulgar os conteúdos discutidos nas oficinas para os demais educadores e estabelecer perspectivas de continuidade. Nesta direção, cabe ressaltar as diversas iniciativas de repasse do aprendizado adquirido nas oficinas para demais profissionais e educadores e a integração do tema drogas com outros assuntos, como sexualidade, violência e relacionamento familiar.



Os questionários e a descrição dos *Planos de Ação* também revelaram a incorporação das críticas às abordagens repressivas, recorrente nas campanhas e políticas voltadas para o uso abusivo de drogas. O projeto possibilitou aos educadores acesso e diálogo sobre novos conceitos e visões sobre o tema, associados principalmente à proposta da educação para a autonomia, ao conceito de vulnerabilidade e à concepção de redução de danos, contrapostas à abordagem repressiva.

Quanto ao *kit de materiais* educativos, foi observado o maior uso do *Jogo da Onda* nas atividades. Os demais materiais, embora disponibilizados para os membros das instituições, tiveram o uso mais restrito. Muito deles ficaram na biblioteca da instituição ou disponível para a equipe de trabalho. O aproveitamento do material dependerá, assim, das iniciativas futuras dos educadores e demais membros das organizações.

## **Aprendizados**

Em termos da apreensão e interpretação dos conteúdos trabalhados, convém destacar a visão predominante entre os educadores de que o tema drogas deve ser abordado de modo transversal, e não apenas como um assunto pontual. É preciso integrar temas como consciência de gênero, sexualidade, vida profissional e autonomia nas discussões e ações sobre o uso de drogas. A utilização de dinâmicas de grupo e da linguagem artística como facilitadoras do conhecimento teórico adquirido nas oficinas e na bibliografia disponibilizada e o registro da importância de “formar consciências e não obrigatoriamente multiplicadores” indica que os educadores reconheceram os limites das abordagens centradas apenas na divulgação de informações, descontextualizadas da realidade dos educandos. Nesta direção, foi identificada a relevância de conhecer a visão e a experiência do público-alvo (educadores familiares e jovens) sobre o assunto que está sendo trabalhado, no sentido de identificar as expectativas e as dúvidas do grupo.

Segundo o depoimento dos educadores, a repercussão dos *Planos de Ação* foi positiva, podendo ser observada pela diminuição do número de evasão dos jovens e pelo estímulo à reflexão. A fala de uma das educadoras é ilustrativa: “você está fazendo a gente pensar o tempo todo, nem nós tínhamos a noção de que o medicamento é uma droga”.

Um outro aspecto revelado por vários educadores refere-se ao aprendizado não apenas para a vida profissional, mas também para a vida pessoal. Os educadores perceberam que também estão vulneráveis em função dos seus problemas, do acúmulo de tarefas institucionais e dos limites em enfrentar as diversas condições adversas que cercam o



cotidiano das populações atendidas pelas organizações. Houve a compreensão que educadores, familiares e jovens são sujeitos de um processo a ser construído coletivamente, e que nesse processo o conhecimento esclarece o imaginário preconceituoso, contrapondo a integração ao isolamento.

### **Principais entraves e seus enfrentamentos**

Um dos principais entraves para o desenvolvimento do projeto refere-se às resistências e receios associados ao tema. A droga ainda é vista como um tema tabu e associada a atividades ilícitas e perigosas. Em geral, as pessoas desconhecem os danos decorrentes do uso indevido de drogas lícitas, como os medicamentos. Diante da dificuldade de introduzir o tema na instituição, uma das educadoras aproveitou as notícias sobre maioria penal que estavam circulando nos meios de comunicação de massa para introduzir um debate sobre o uso de drogas na instituição. Iniciativa que evidencia aprendizagem e apropriação pessoal do novo conhecimento.

Outro problema identificado diz respeito à dificuldade de alguns educadores em encontrar uma linguagem e um conteúdo sobre drogas adequados para o público infantil. Ao longo das oficinas, de fato, não foram discutidas em profundidade possibilidades de adaptação dos conteúdos abordados para crianças e seus familiares, dado que a maioria das organizações trabalhava com jovens. Para superar esse obstáculo, o trabalho foi direcionado para os adolescentes da organização.

A alta rotatividade de adolescentes e jovens atendidos nas instituições, a diversidade de projetos em andamento, a dificuldade de integrar projetos em curso e a ausência de espaço adequado foram igualmente assinalados como entraves para o desenvolvimento dos *Planos de Ação*. Por meio das orientações durante as visitas e os contatos de acompanhamento buscou-se minimizar essas dificuldades que fazem parte do cotidiano de diversas organizações não-governamentais.

### **Opinião dos participantes**

Para compartilhar da visão dos educadores que participaram do projeto, resolvemos reproduzir os seus depoimentos, colhidos no final da *III Oficina* de formação. Cada número representa a opinião de um educador.



## QUANTO À CONTRIBUIÇÃO PARA A VIDA PROFISSIONAL

- 1 “acho que foi poder trazer o tema das drogas para 'dialogarem' com outros temas que venho trabalhando na minha instituição. Então, contribuí para eu ter mais conhecimento sobre o tema para poder abordá-lo com o público que trabalho e tê-lo sempre como uma perspectiva, não deixar passar essas questões em branco, por exemplo, trabalho com crianças, jovens, famílias e comunidades”.
- 2 “Autoconhecimento, fortalecimento da auto-estima, instrumentalização de conteúdos e técnicas pedagógicas nas temáticas e monitoramento para sistematização, troca de experiências e possibilidades de redes externas e do Grupo do Curso Saúde e Drogas”.
- 3 “Através das experiências apresentadas e, sobretudo da Equipe que desenvolveu o projeto, trouxe nova perspectivas e possibilidades de trabalhar os temas propostos”.
- 4 “Primeiramente um crescimento pessoal. Podemos melhorar cada vez a nossa atuação profissional e contamos com projetos que nos possibilitam a ter mais essas experiências que este projeto nos ofereceu”.
- 5 “Foi de grande valor a contribuição. Considero uma oportunidade riquíssima para minha vida profissional por vários motivos: trabalhar em rede, ter acompanhamento e possibilidade de reflexão sobre a minha prática e ter acesso a materiais de alta qualidade para aprofundamento”.
- 6 “Foi positiva porque me proporcionou aprimorar e capacitar-me em diversas formas de abordagem e sensibilização do público-alvo. A equipe deixou-me segura de que nós educadores somos normais e também temos limitações”.
- 7 “Abriu oportunidades com orientações sobre e para abordagens de temáticas antes consideradas quase 'intocáveis'. A educadora que 'ensaia' a cada dia enriquece com as trocas possibilitadas pelo programa - o sagrado e o profano constituindo um ser apenas humano”.
- 8 “Eu gostei da riqueza das apresentações, pois pude repensar minha prática que sempre foi voltada teórica e especificamente para a droga dependência. Aprendi a reconhecer mais recursos o cotidiano para utilizar nas sensibilizações e até nas capacitações. Creio que fiz uma reviravolta ao sair da teoria para a prática, é possível sentir e ir da prática para a teoria. Quanto à nova abordagem sobre redução de danos, creio que de alguma forma encontrei uma forma de reproduzir de maneira mais autêntica minhas análises sobre esta temática e quem sabe, desta forma, reescrever as ações que fomento na comunidade”.
- 9 “Possibilitou uma fundamentação teórica sobre o assunto que nos baseou na prática sobre o assunto e também na construção do TCC'S universitários. Compreender essa nova realidade possível da redução de danos nos leva a quebrar velhos paradigmas e 'achismos' (...) trabalhando então por uma verdadeira transformação social”.
- 10 “As oficinas contribuíram para o crescimento pessoal e profissional. Todo o conteúdo fornecido permite uma reflexão do assunto, possibilitando adaptações em cada realidade das instituições e realização de oficinas sobre o tema”.



- 11 “Contribuiu para o acréscimo de informações que podem ser usadas por todo o meu percurso profissional”.
- 12 “Ótimo. Ajudou a informar de uma maneira objetiva e ampla a nossa comunidade sobre s drogas ilícitas e lícitas. Pessoalmente me fez crescer e soma em informações para serem repassadas para todos”.
- 13 “Essa formação ficou acima da expectativa para a minha atuação profissional, e destaco o seguinte: aumentar a escuta, saber olhar e acolher as pessoas envolvidas na dependência química com amor e reverência. E afirmo ocorreu uma mudança de mentalidade (processual)”.
- 14 “Transformou meu projeto de intervenção”.
- 15 “Ajudou a informar de uma maneira mais clara à comunidade, com que vivo e trabalho, sobre as drogas”.
- 16 “A contribuição foi bastante significativa. Mexeu com o meu modo de ver e me relacionar com a temática. Inclusive ampliando as possibilidades de trabalho”.
- 17 “Fortaleceu o meu potencial. Subsidiou-nos com materiais de conteúdo (*kit*). Possibilitou ampliar na prática de multiplicar a temática em outros espaços. Focou meu profissional na minha instituição”.
- 18 “O Projeto Saúde e Drogas ampliou minhas possibilidades de atuação dentro da instituição. Passei a ser reconhecida como referência para o tema, sendo responsável pela revisão e introdução do tema nos materiais educativos produzidos pela instituição. Além disso, o projeto possibilitou a introdução em nossos materiais educativos de um tema constantemente demandado pela população com a qual trabalhamos”.

**QUANTO À CONTRIBUIÇÃO DO PROJETO PARA A SUA VISÃO SOBRE AS AÇÕES EDUCATIVAS SOBRE DROGAS**

- 1 “São muito diversificadas as possibilidades, são múltiplas e, na maioria dos casos, elas dependem basicamente de uma equipe que tenha acesso a informações e atualização sobre o tema e que tenha disponibilidade - de escuta e afetiva - para lidar com o tema”.
- 2 “Essa formação possibilitou ao grupo várias experiências. Desconstruímos conceitos e preconceitos nos cursos. Os encontros ampliaram as nossas visões, nos sensibilizando para criar e recriar ações educativas sobre sexualidade e uso abusivo de drogas”.
- 3 “Ajudou a mudar as concepções que eu tinha sobre o tema, e inquietou e me fez crer que cada um, de forma variada, pode fazer a sua parte. Enquanto educadora, posso ser também responsável em sensibilizar e aos poucos transformar uma realidade”.
- 4 “São necessárias para o nosso trabalho com a comunidade, essas ações educativas abordadas neste projeto facilitaram uma visão mais ampla”.



- 5 "A minha visão está ligada ao que sinto. Meu olhar agora está livre de julgamentos".
- 6 "Pude perceber que este projeto fortaleceu o nosso trabalho nas instituições em 100%, e que, apesar das dificuldades as ações educativas, devem estar sempre inseridas no nosso dia-a-dia, para que juntos possamos acreditar em uma sociedade melhor e menos violenta".
- 7 "São ações de risco e por isso, lindas! Quero pôr o pé nessa estrada na incerteza de que ainda há muito que aprender nas trocas com os caminhantes de minha estrada da vida".
- 8 "Sempre acreditei que houvesse um caminho mais dinâmico, mas perceber que existem profissionais como arte-educadores no qual este canal é mais acessível e aberto me faz confirmar na interdisciplinaridade como a mais perfeita forma de análise de um contexto complexo como a droga dependência".
- 9 "São de extrema importância. Olhar para o usuário como uma pessoa comum, sem preconceitos, nos leva a encontrar 'brechas' para trabalhar com essa realidade sem medos ou tabus. Cada experiência apresentada são possíveis de replicação, tesouros a serem compartilhados entre outras instituições. AMEI !!".
- 10 "Podemos possibilitar ações que levem ao conhecimento do tema, além de valorizar conceitos que levam à auto-reflexão. Quanto às ações diretas com as crianças de menor faixa etária, permite-nos visões viáveis".
- 11 "Acredito que essas ações são extremamente válidas para a formação consciente do indivíduo, pois assim podem escolher de qual forma podem/vão fazer o uso de drogas".
- 12 "Deveria ser mais divulgado em escolas públicas, particulares, na nossa própria casa com nossos filhos, vizinhos, enfim para todos que temos convívio em nossa comunidade".
- 13 "Ampliou e modificou. Com esses verbos confirmo a importância e a necessidade de se adaptar aos novos desafios. Obrigada pela competência da equipe".
- 14 "Passei a ver/entender como me situar em situações com o usuário de drogas lícitas e ilícitas principalmente as lícitas".
- 15 "Deveria ser mais trabalhado esse tema nas escolas dos bairros que têm uma certa carência".
- 16 "A concepção de Educação para Autonomia torna-se um alicerce importante pra gente pensar ações educativas sobre o uso indevido de drogas. Trabalhar de maneira ancorada no contexto histórico-social. Educação através dos sentidos".
- 17 "Minha visão é que esse movimento teria que ser ampliado, essa experiência marcou o meu processo de formação. A visão não só minha, mas de todos que participaram, transformou".
- 18 "As ações foram bastante criativas e incorporaram bem as recomendações e enfoques inovadores discutidos ao longo dos encontros".



# Parte 4

## Comentários finais



**C**onsideramos que os resultados positivos alcançados pelo projeto foram influenciados pelo compromisso, dedicação e integração da equipe da Fiocruz, do Instituto C&A e dos educadores das organizações participantes. Os educadores demonstraram motivação, envolvimento e interesse ao longo das ações do projeto. Predominou a interação, o respeito e a cooperação entre as pessoas, bem como a troca de experiências entre as instituições.

As avaliações revelam a satisfação dos educadores e indicaram a contribuição do *Projeto Saúde e Drogas* para o crescimento pessoal e profissional e para a ampliação das ações educativas sobre o tema. Alguns educadores reconheceram que suas visões mudaram muito e que o projeto incentivou reflexões sobre as experiências pessoais e coletivas em relação às drogas.

A despeito dos avanços assinalados, o processo de aprendizado continua. As instituições mais experientes ampliaram suas ações para dentro e fora da organização, estabelecendo espaços de diálogo e parcerias com outros órgãos governamentais e não-governamentais.

A sustentabilidade das ações e as situações de violência associadas às drogas foram assinaladas como desafios para a continuidade das ações. Todavia, os dados sugerem que o projeto foi percebido como um grande estímulo para os educadores desenvolverem ações institucionais sobre educação, drogas e saúde, além de ter favorecido o incremento das atividades e a ampliação de redes inter e intra-institucionais. Uma avaliação, a médio prazo, poderá indicar a capacidade das instituições em manter e aperfeiçoar as ações desenvolvidas.

Esperamos que as descrições e sugestões presentes nesta publicação estimulem o desenvolvimento de reflexões e práticas educativas sobre as drogas adequadas às diferentes realidades e gerem novas publicações sobre o tema. Boa sorte!!!!

*SIMONE MONTEIRO  
SANDRA REBELLO  
CRISTINA CASTELLO BRANCO  
MARLY CRUZ*



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, G. A educação para a autonomia: a construção de um discurso democrático sobre o uso de drogas. In: ACSELRAD, G. (Org.) *Avessos do Prazer: drogas, Aids e direitos humanos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 161-188.

AYRES, J. R. C. M. et al. Vulnerabilidade e prevenção em tempos de Aids. In: BARBOSA, R.; PARKER, R. (Orgs.) *Sexualidade pelo Averso: direitos, identidades e poder*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999, p. 50-71.

BRASIL. *Manual de Redução de Danos, Saúde e Cidadania*. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. (Série Manuais, n. 42)

BRASIL. *Manual da Oficina de Capacitação em Avaliação com Foco na Melhoria do Programa*. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância de Saúde, Programa Nacional de DST/Aids, Centers for Diseases Control and Prevention, 2005.

BRASIL. Lei n. 11.343, de 23 de agosto de 2006. Dispõe sobre o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas

CAMPOS, M. A. Drogas e uso de drogas: ressignificando conceitos no paradigma da redução de danos. In: CARVALHO, M. E. G; CARVALHAES, F. F.; CORDEIRO, R. P. (Orgs). *Cultura e Subjetividade em Tempos de Aids*. Londrina/PR: Associação Londrinense Interdisciplinar de Aids, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31.ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

MANN, J; TARANTOLA, D.; NETTER, T. W. (Orgs). *A Aids no Mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: ABIA:IMS,UERJ, 1993, p. 275-300.

MONTEIRO, S. & REBELLO, S. *Prevenção do HIV/Aids e o uso indevido de drogas: desenvolvimento e avaliação de jogos educativos*. In: ACSELRAD, G. (Org.) *Avessos do Prazer: drogas, Aids e direitos humanos*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 275-300.

MONTEIRO, S.; VARGAS, E. P.; REBELLO, S. M. *Educação, prevenção e drogas: resultados e desdobramentos da avaliação de um jogo educativo*. *Educação e Sociedade*, 24(83): 659-678, ago., 2003.

MONTEIRO, S; VARGAS, E. & CRUZ, M. *Desenvolvimento e uso de tecnologias educacionais no contexto da Aids e da saúde reprodutiva: reflexões e perspectivas*. In: MONTEIRO, S. & VARGAS, E. (Orgs.) *Educação, Comunicação & Tecnologia Educacional: interfaces com o campo da saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006, p.27-47.

SAVATER, F. *Ética como Amor-Próprio*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



# Anexos

## **Anexo I**

INFORMAÇÕES SOBRE OS JOGOS PRODUZIDOS PELO LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO EM AMBIENTE E SAÚDE (LEAS) - IOC/FIOCRUZ

## **Anexo II**

CARTA-CONVITE

## **Anexo III**

PROGRAMAÇÃO DA I OFICINA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES

## **Anexo IV**

PROGRAMAÇÃO DA II OFICINA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES

## **Anexo V**

PROGRAMAÇÃO DA III OFICINA DE FORMAÇÃO DE EDUCADORES

## **Anexo VI**

INDICADORES DE MONITORAMENTO DOS PLANOS DE AÇÃO

## **Anexo VII**

SUGESTÕES COMPLEMENTARES DE LEITURAS, FILMES E *SITES*



# Anexo I

## Informações sobre os Jogos produzidos pelo Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (Leas) - IOC/Fiocruz

**E**m face do potencial dos materiais educativos no incremento da prática pedagógica, o Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (Leas) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) desenvolveu recursos educativos (livros, revistas e jogos) relacionados à saúde, ao meio ambiente e à divulgação científica, para o público infanto-juvenil e educadores. Tais materiais pretendem estimular a reflexão sobre importantes temas da atualidade por meio de uma perspectiva pedagógica construtiva e participativa. Dentre os recursos produzidos, encontram-se os jogos: *Zig-Zaids* (Salamandra/Fiocruz) sobre a prevenção do HIV/Aids, o *Jogo da Onda* (Consultor/Fiocruz) voltado para a prevenção do uso indevido de drogas e o *Jogo Trilhas: descubra o mapa cultural e científico do Rio* (Consultor/Faperj/Fiocruz), sobre a divulgação dos espaços científicos e culturais do Estado do Rio de Janeiro.

O desenvolvimento dos dois primeiros *Jogos* foi orientado por análises críticas acerca dos limites das políticas no campo da prevenção, centradas na informação técnica, na responsabilidade individual e/ou numa visão alarmista e fatalista dos agravos da saúde. O terceiro *Jogo* apóia-se no reconhecimento da importância da popularização da ciência, cada vez mais presente nos debates nas universidades e centros de pesquisa. Trata-se de um compromisso de estimular uma maior compreensão dos processos técnico-científicos e motivar vocações científicas e a construção de um conhecimento fundamental para a formação de um cidadão crítico e participante.

A criação dos jogos envolve a discussão de concepções teóricas da educação, revisão bibliográfica, investigação das visões e conhecimento da população-alvo sobre o tema, testagem com grupos diversos e parecer de consultores. Todos os materiais são acompanhados de encarte para jovens, pais e educadores com indicação bibliográfica e sugestões



de atividades, conforme descreve o artigo: MONTEIRO, S. & REBELLO, S. Prevenção do HIV/Aids e do uso indevido de drogas: desenvolvimento e avaliação de jogos educativos. In: ACSELRAD, G. (Org.) *Avessos do Prazer: drogas, Aids e direitos humanos* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 259-276.

### Jogo Zig-Zaids

O jogo fornece informações e incentiva o debate sobre a transmissão e prevenção do HIV/Aids. Os aspectos sociais e psicológicos relacionados ao convívio com o vírus da Aids também são abordados, com ênfase na solidariedade. Para dois a cinco jogadores, (ou grupos de jogadores), a partir de 10 anos; pode ser utilizado em variados contextos educativos, tais como: escola, serviços de saúde, empresas, atividades comunitárias etc. Contém: um tabuleiro; dois baralhos com perguntas e afirmações sobre o sistema de defesa do organismo, formas de transmissão e prevenção do vírus da Aids, tratamento e convivência com o HIV/Aids; um dado simples; cinco pinos e um guia para pais e educadores com atividades e referências bibliográficas.

O *Jogo Zig-Zaids* foi desenvolvido e testado por Simone Monteiro, Sandra Rebello e Virgínia Schall, pesquisadoras da Fundação Oswaldo Cruz. A este jogo foi concedida patente na modalidade MU e registro de marca (INPI).

### Jogo da Onda

O *Jogo da Onda* incentiva e incrementa o diálogo entre jovens, profissionais, pais, filhos e amigos sobre o uso indevido de drogas, um tema complexo e polêmico da nossa realidade. Para quatro a oito participantes (organizados em duplas) a partir de 12 anos. Pode ser utilizado em contextos relacionados ao ensino formal e informal, inclusive programas dirigidos para dependentes químicos, conforme indica o encarte que acompanha o material. Contém: um tabuleiro; quatro baralhos coloridos que abordam relacionamento familiar e amoroso, sexualidade, dependência, drogas e seus efeitos, tratamento, legislação, Aids, entre outros; um dado simples; quatro pinos e um encarte com dicas e sugestões bibliográficas.

O *Jogo da Onda* foi elaborado por Sandra Rebello e Simone Monteiro, pesquisadoras da Fundação Oswaldo Cruz.

### COMO ADQUIRIR OS JOGOS?

#### Jogo Zig-Zaids

Este material está esgotado. Uma versão do Zig-Zaids em multimídia está disponível na página:  
[www.fiocruz.br/piafi/index.html](http://www.fiocruz.br/piafi/index.html)

#### Jogo da Onda

Edições Consultor  
Rua Visconde de Pirajá, 142/1201  
Ipanema - CEP: 22410 003 - Rio de Janeiro - Tels: (0XX21) 2523-2064; 2267-2788

#### Jogo Trilhas

Edições Consultor  
Rua Visconde de Pirajá, 142/1201  
Ipanema - CEP: 22410 003 - Rio de Janeiro - Tels: (0XX21) 2523-2064; 2267-2788

A FIOCRUZ faz doação de 1 (um) exemplar do Zig-Zaids e do Jogo da Onda para instituições públicas e da sociedade civil, mediante o recebimento de uma solicitação para:

Fundação Oswaldo Cruz/IOC - Pavilhão Lauro Travassos  
A/C: Simone Monteiro (LEAS sala 22)  
Av. Brasil, 4365 CEP: 21045 900 Rio de Janeiro - RJ  
Telefax: (0XX 21) 2560-6474; 2598-4382 Ramal 103  
e-mail: [zigzaids@ioc.fiocruz.br](mailto:zigzaids@ioc.fiocruz.br)

P.S. O jogo *Trilhas* não está disponível para doação.



## Jogo Trilhas

O jogo facilita a localização, fornece informações e incentiva a visitação aos centros culturais e científicos do Estado do Rio de Janeiro. Para jogadores acima de 12 anos, pode ser usado em contextos diversos. Contém: um tabuleiro com os mapas do Estado, da cidade e do centro da cidade do Rio, uma cartela com seus marcadores, fichas, marcadores de mapa, um dado, três baralhos, um encarte com as regras e um manual com textos e informações sobre as instituições contempladas no jogo.

O *Jogo Trilhas*, criado por Sandra Rebello e Simone Monteiro, teve por base o “Mapa da Ciência” do Estado do Rio de Janeiro, elaborado e editado pela Faperj (1999).



# Anexo II

## Carta-Convite

O Instituto C&A estabeleceu uma parceria com o Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (Leas) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) da Fundação Oswaldo Cruz para a realização do projeto *Saúde e Drogas: desenvolvimento e avaliação de ações educativas em programas sociais*. O projeto visa contribuir para o desenvolvimento e avaliação de programas educativos sobre saúde, drogas e temas afins, por meio de ações junto a educadores de projetos sociais, apoiados pelo Instituto C&A, no Rio de Janeiro, bem como para reflexões sobre juventude, pobreza e intervenção social.

Uma das atividades planejadas neste projeto será a realização de oficinas para educadores sobre drogas, visando subsidiar as ações educativas junto aos jovens atendidos pelos projetos sociais, apoiados pelo Instituto C&A. Estas oficinas destinam-se a dois profissionais de cada instituição que tenham interesse e disponibilidade em desenvolver ações continuadas na organização sobre o tema em foco.

Por meio desta carta, gostaríamos de consultá-lo sobre o interesse da (*nome da instituição*) em participar das oficinas, respondendo às perguntas ao lado. Lembramos que, independente da participação da sua instituição na oficina, enviaremos o *kit* de materiais do projeto, bem como as publicações oriundas da sistematização desta experiência.

Desde já agradecemos a sua colaboração e ficamos à disposição para qualquer esclarecimento.



### PERGUNTAS

- De que forma a temática drogas é trabalhada na sua instituição?
- Especificar as atividades realizadas.
- Por que uma oficina sobre drogas e temas afins seria importante para sua instituição?
- Indique duas pessoas da instituição para participar da oficina, preenchendo as seguintes informações:
  - Nome
  - Formação
  - Função na instituição
  - Atividades que realiza na instituição



# Anexo III

## Programação da I Oficina de Formação de Educadores

Coordenação: SANDRA REBELLO e GILBERTA ACSELRAD

### PRIMEIRO DIA

**Abertura:** Coordenadora do projeto e representante do Instituto C&A

Apresentação da oficina pelas coordenadoras, seguida da apresentação dos alunos.

Início da construção do Plano de Ação - Na **Ficha 1** cada instituição deve registrar um breve histórico da instituição e dos trabalhos relacionados à temática em questão, e os desafios encontrados no trabalho continuado sobre prevenção ao uso abusivo de drogas.

**Exposição:** “Memória dos diferentes usos de drogas ontem e hoje”.

Continuação da construção do Plano de Ação - Na **Ficha 2** cada participante deve registrar de que forma as questões apresentadas na exposição perpassam a sua história pessoal e/ou institucional.

■ **Grupos de Trabalho 1** - Os participantes, organizados em pequenos grupos, deve elaborar uma estória envolvendo o uso de drogas em planetas imaginários. Após a apresentação das estórias por meio de dinâmicas ou relatos, as coordenadoras da oficina fazem um debate.

■ **Exibição do filme** *Meu nome é Joe*, diretor Ken Loach, Irlanda, 1998 (1h04’).

■ **Grupos de Trabalho 2** - A partir das situações apresentadas no filme, cada dupla deve escolher dois temas para reflexão e discussão. Temas sugeridos: tratamento pelos AAs; abstinência; atividades comunitárias; solidariedade; formas de burlar a lei; relação amorosa entre ex-usuários (dependentes) com uma pessoa não-usuária; tratamento da dependência por substituição (metadona); relação dos dependentes com os serviços de saúde; violência; relação entre uso/tráfico; recaída; overdose e dependência. Cabe observar que a escolha dos



temas a ser realizada antes da exibição do filme é dirigida visando à inclusão de todos os temas da lista e a um melhor aproveitamento da exibição do filme. Após a exposição dos temas as coordenadoras das oficinas fazem um debate.

- Os participantes, agrupados por instituição, devem registrar na **Ficha 3** uma atividade para o público-alvo das suas instituições, envolvendo uma das temáticas do Grupo de Trabalho 2.
- Avaliação do dia.

## SEGUNDO DIA

- **Dinâmica** "Conceituando drogas".
- Preenchimento individual da **Ficha 4** sobre duas questões: "Qual a primeira palavra que lhe vem à cabeça quando você pensa em drogas?" e "O que é droga?".
- **Exposição:** "Conceitos e preconceitos".
- Novo preenchimento da **Ficha 4**, visando a identificar se os participantes mudaram a concepção de drogas após a exposição.
- **Grupo de Trabalho 3** - Cada pessoa deve relatar para o grupo uma situação de lazer que está habituado a fazer, subsidiando assim a discussão posterior sobre o uso de drogas.
- **Apresentação:** "Drogas: busca pelo prazer ou fuga?".
- Preenchimento por instituição da **Ficha 5** sobre a pergunta: "Como você trabalharia a questão do prazer em uma proposta de prevenção ao uso abusivo de drogas, direcionada ao público-alvo de sua instituição?"
- **Grupos de Trabalho 4** "Histórias reais, histórias de gente" - Os participantes se dividem em seis grupos. Cada grupo recebe uma entrevista realizada com usuários de drogas ilícitas e algumas perguntas para reflexão que foram discutidas em grupo junto com as coordenadoras da oficina.
- **Apresentação:** "A educação para a autonomia X Prevenção, limites e possibilidades da ação educativa".
- Preenchimento da **Ficha 6** sobre as questões: "Com base no que você acabou de ouvir na exposição aponte algumas questões vivenciadas em seu cotidiano?" e "Aponte algumas ações possíveis de serem colocadas em prática na sua instituição".
- **Apresentação:** "Questões relevantes a serem consideradas na elaboração de um Plano de Ação".
- **Avaliação do dia.**



### TERCEIRO DIA

- Preenchimento da **Ficha 7** sobre a elaboração do Plano de Ação com os seguintes pontos: 1. público-alvo/grupos priorizados (por exemplo, pais, alunos, educadores etc.); 2. características do grupo no que se refere à idade, gênero, número de participantes; 3. objetivo das atividades; 4. agentes responsáveis pela elaboração e execução do plano de ação; 5. atividades a serem realizadas e cronograma (regularidade, carga horária, local, dinâmicas, linguagem/enfoque); 6. possibilidade de sustentabilidade e continuidade da proposta.
- **Debate e sugestões sobre os Planos de Ação.**
- **Apresentação do plano** de acompanhamento no período entre a I e a II Oficina e dos informes sobre as próximas etapas do projeto.
- Apresentação explicativa e distribuição do **kit de material educativo** e da lista de endereços dos participantes.
- **Avaliação por escrito.**



# Anexo IV

## Programação da II Oficina de Formação de Educadores

Coordenação: SANDRA REBELLO e GILBERTA ACSELRAD

### PRIMEIRO DIA

- **Apresentação:** “Monitoramento e indicadores”.
- **Debate** sobre a troca de experiências entre as instituições e as experiências do acompanhamento.
- **Avaliação do dia.**

### SEGUNDO DIA

- Continuação de troca de experiências entre as instituições.
- **Apresentação:** “Vulnerabilidades e drogas”.
- **Apresentação:** “Educação para Autonomia e prevenção vinculada à realidade apresentada pelas instituições”.
- **Grupo de Trabalho:** Histórias reais e histórias da gente.
- **Avaliação** por escrito da oficina



# Anexo V

## Programação da III Oficina de Formação de Educadores

Coordenação: SANDRA REBELLO e GILBERTA ACSELRAD

Exposição dos trabalhos das instituições a partir do roteiro abaixo:

**Instituição:**

**Nome(s):**

**BREVE HISTÓRICO DA INSTITUIÇÃO**

**Agentes responsáveis e envolvidos na elaboração e execução do Plano de Ação (equipe):**

Qual(is) agentes da instituição foram envolvidos com o PA?

Nível de aceitação e colaboração na elaboração do PA

Integração da instituição no desenvolvimento do PA.

Dificuldades e facilidades encontradas na elaboração e execução do PA

Houve envolvimento de outras pessoas (ou instituições) não previstas inicialmente no PA? Quem e com que finalidade?

**Público-alvo:**

Que grupo(s) foi(ram) priorizado(s)? (pais, alunos, educadores, jovens). Por quê?

Características do grupo (idade, sexo, número de participantes)

A constituição do(s) grupo(s) sofreu alterações no decorrer da implementação do PA? Quais e por quê?

**Atividades:**

Qual (is)?

Duração (Início, regularidade, carga horária); Local (is):

Metodologia (técnicas selecionadas, linguagem adotada e enfoque dado)



Facilidades e dificuldades encontradas:

Modificações feitas a partir das dificuldades/facilidades encontradas:

### **Utilização do material distribuído na Oficina I**

Do kit de materiais distribuído para a instituição, quais foram utilizado(s)? Por quê?

Quem usou ou com quem usou o material?

Como se deu esse uso?

Escolha 1 material usado e apresente seu conteúdo e sua aplicabilidade

### **Monitoramento e Avaliação**

Registrou as atividades realizadas? Como? (relatório, fotos, gravação...)

Elaborou ou utilizou indicadores sugeridos na supervisão para acompanhamento do PA

O que observou a partir do acompanhamento desses indicadores?

Que uso fez do que foi observado do acompanhamento?

### **Objetivo do PA:**

Alcançado parcialmente ( ) integralmente ( ) ou não alcançado.

Por quê?

### **Sustentabilidade/continuidade**

Quais as condições de continuidade/sustentabilidade das ações implementadas?

### **Debate**

**Avaliação.** Esta avaliação tem o objetivo de registrar a opinião dos participantes quanto à contribuição do *Projeto Saúde e Drogas* na sua atuação profissional e na sua visão relativas às ações educativas sobre o uso indevido de drogas.



# Anexo VI

## Indicadores de Monitoramento dos Planos de Ação

**Indicadores para o objetivo:** Realizar oficinas de formação para jovens multiplicadores na temática das drogas

- Número oficinas realizadas
- Número de participantes nas oficinas
- Temática das drogas abordada nos encontros
- Forma como a temática droga foi abordada
- Frequência de ocorrência dos encontros

*FONTE DE DADOS: Relatório das atividades e Relação dos participantes*

**Indicadores para o objetivo:** Identificar as parcerias para a implementação das atividades

- Número de parceiros identificados
- Tipo de parceria identificada (escola, unidade de saúde, igreja, associação comunitária, ONG, etc)
- Tipo de apoio dado pelos parceiros na implementação das atividades

*FONTE DE DADOS: Registro de dados e Relatório das atividades*

**Indicadores para o objetivo:** Conhecer a concepção dos jovens sobre drogas

- Levantamento da concepção dos jovens do projeto sobre a temática das drogas

*FONTE DE DADOS: Instrumento de coleta (questionário, entrevista, grupo focal...)*



**Indicadores para o objetivo:** Apoiar no desenvolvimento de campanhas comunitárias

- **Número de campanhas comunitárias realizadas**
- **Temática(s) da(s) campanha(s) definida(s)**
- **Estratégia(s) da(s) campanha(s) divulgada(s)**
- **Repercussão da(s) campanha(s) na(s) comunidade(s)**

*FONTE DE DADOS: Relatório da campanha e Questionário fechado ou semi-aberto*

**Indicadores para o objetivo:** Incentivar o desenvolvimento de atividades que abordem esta temática junto às famílias atendidas

- **Número de atividades sobre drogas realizadas com familiares**
- **Atividades em que foi introduzida a temática 'drogas' com familiares**
- **Estratégia de sensibilização dos familiares às atividades que envolvem a temática das drogas introduzida nas atividades**

*FONTE DE DADOS: Relatório de atividade*

**Indicadores para o objetivo:** Capacitar a equipe multidisciplinar para o desenvolvimento de atividades sobre drogas com base na educação para autonomia

- **Número de capacitações sobre drogas realizadas com a equipe do projeto**
- **Número de educadores capacitados**
- **Metodologia específica, com base na educação para autonomia, utilizada na capacitação dos educadores**
- **Material didático-pedagógico específico utilizado nos encontros com os educadores**

*FONTE DE DADOS: Relatório de atividades e Relação dos participantes*

**Indicadores para o objetivo:** Relacionar as atividades de prevenção ao uso indevido de drogas às atividades comunitárias de promoção da saúde

- **Número de atividades sobre prevenção de uso indevido de drogas realizadas**
- **Estratégia de aproximação das duas atividades definidas**
- **Atividades de prevenção ao uso indevido de drogas introduzidas nas atividades comunitárias de promoção da saúde.**

*FONTE DE DADOS: Relatório de atividades e Instrumento de coleta (questionário fechado ou semi-aberto)*



# Anexo VII

## Sugestões Complementares de Leituras, Filmes e Sites

### ■ Livros e revistas

**AMARAL DIAS, C.** *O Que se Mexe a Parar: estudos sobre a droga*. Porto: Afrontamento, 1979, p. 59-69.

O livro aborda as possibilidades de ação do educador comprometido com o desenvolvimento dos alunos, no caso de uso de drogas. Tradução portuguesa. Face às limitadas campanhas de informação e esclarecimento sobre as drogas e, considerando a escola como local privilegiado desta intervenção, o artigo descreve uma experiência com e a partir de educadores. A formação sobre a problemática da droga e a adolescência, em uma perspectiva compreensiva, a realização de reuniões com professores são afirmados como capazes de contribuir para a definição do papel do educador na sensibilização sobre o tema e sua possível ação psicoterapêutica sobre o jovem que usa drogas, bem como sobre sua família. O esclarecimento do estatuto interno do educador em relação à vida mental do adolescente, seu destino como segunda figura de autoridade, permite concluir que o professor, consciente do que pode representar para o adolescente e para sua família, se torna um objeto privilegiado na tentativa de resolução do problema da droga, sinal e sintoma de uma crise interna mais ou menos profunda. Dois casos concretos são apresentados e discutidos, afirmando a função pedagógica de orientação e ajuda na passagem para a vida adulta, contribuindo, desta forma, para o restabelecimento das condições necessárias para uma evolução psicológica normativa do jovem dependente de drogas. Recomenda-se a leitura dos outros capítulos da publicação, sobre a clínica da toxicomania, sobre questões sociais relacionadas, assim como discussão de casos concretos.



**AYRES, J. R.** *HIV/AIDS, DST e Abuso de Drogas entre Adolescentes: vulnerabilidade e avaliação de ações preventivas*. São Paulo: Editoração Eletrônica, 1996.

**BASTOS, F. I.; DIAS G. O.** *Drogas é legal? Um debate Autorizado*. Rio de Janeiro: Imago, Instituto Cultural Brasil-Alemanha, 1993.

Análise sobre as políticas públicas de drogas no Brasil e na Alemanha. Debate entre pesquisadores brasileiros e o professor Sebastian Scheerer (Hamburgo/Alemanha). Questões abordadas: prevenção, perspectivas de tratamento do uso indevido de drogas, políticas de governo e mecanismos de controle do uso de drogas, pela própria sociedade.

**BOTHOREL, J.** *Carta ao Meu Filho Drogado*. Lisboa: Inquérito LTDA, 1986.

Tradução portuguesa. Depoimento do pai de um usuário (haxixe, heroína, LSD), sobre os problemas decorrentes do uso dependente de drogas - relação familiar, dificuldades na primeira infância versus exercício da paternidade, recaídas, overdoses, limites tênues entre uso/comércio ilícito. Afirmação da educação como formadora de valores, ainda que nem sempre abra espaços para acasos/prazer. Afirmação da responsabilidade do sujeito na construção de sua história. Relato sobre as fantasias do pai sobre as drogas e, posteriormente, sua viagem repensando sua própria história, na tentativa de reaproximação com o filho. Descrição do "mundo da droga" como micro-sociedade que reproduz os mecanismos da sociedade mais ampla - importância do dinheiro, hierarquia, lucro, riscos, violência, mercado das drogas/das armas. Visão crítica da política 'antidrogas', da ação morosa das instituições públicas e da orientação duvidosa das instituições privadas. Descrição da proposta do Centro Italiano de Solidariedade/CIS/Itália - contrato livremente estabelecido, monitor ex-usuário, aprendizagem dos meios imprescindíveis para superar a angústia, estruturando-se, assumindo responsabilidades. Reflexão sobre a passagem do sentimento de fracasso pessoal, de fracasso da sociedade para a consciência do quanto somos ignorantes e carecemos do aprendizado da modestia quando se trata de aprender o outro. Ainda que em um contexto europeu e, datado de vinte anos, trata-se de um depoimento exemplar e raro das dificuldades de relação pai/filho usuário de drogas, apontando caminhos, 'formas de agir' solidárias.

**BUCHER, R. (Org.)** *Prevenção ao Uso Indevido de Drogas* Brasília: Ed. UNB/Cordato, 1989. Programa de Educação Continuada/Extensão Universitária, v.1 e 2.



Conceitos básicos sobre drogas, prevenção compreensiva, alternativa à proposta de 'guerra à drogas'. Manual de orientação dirigido aos educadores. Visão histórica e antropológica do consumo de drogas, seus efeitos e legislação brasileira específica, na época. Reflexão sobre a adolescência e a família. Discute as abordagens preventivas nas escolas e propõe tratamentos da dependência das drogas. Alerta sobre a necessidade de medidas de prevenção compreensivas junto aos usuários de drogas, tem em vista o risco do HIV/Aids.

**DOWDNEY, L.** *Crianças do Tráfico: um estudo de caso de crianças em situação de violência armada organizada no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. 7Letras, 2003.

Texto resultante de pesquisa, realizada no Rio de Janeiro, sobre as diferentes fases e características da situação dos jovens que atuam no comércio de drogas, hoje consideradas de uso ilícito, e os danos decorrentes desse envolvimento, entre os quais violência e morte.

**GARCIA, J. et al.** *Sociedade e Políticas: novos debates entre ONGs e Universidade*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

Panorama das políticas públicas, a partir de uma visão comprometida com a transformação social. A publicação reúne as discussões travadas durante o curso de extensão realizado pela Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) entre abril e junho de 2003, em parceria com Associação Brasileira de Organizações Não-Governamentais (Abong). Teoria e prática, produção de conhecimento e engajamento político estão na base da discussão sobre as relações entre Estado e sociedade em suas múltiplas faces: políticas participativas, democratização do poder local, participação da sociedade civil nas decisões e gestão de políticas sociais, mecanismos de pressão social na perspectiva da garantia de direitos. Em particular, algumas análises das políticas públicas - emprego, segurança pública, saúde, infância e adolescência, drogas, ação afirmativa e combate às desigualdades raciais e gênero.

**HENMAN, A.; PESSOA JR., O.** *Diamba Sarabamba: coletânea de textos brasileiros sobre a maconha*. São Paulo: Ground, 1986.

A história do consumo drogas no Brasil, no presente e no passado recentes, abordagens tradicionais, democráticas, libertárias. Diferentes pontos de vista sobre o uso de drogas, a visão repressiva e a visão libertária, explicitados os interesses econômicos subjacentes ao comércio ilícito, à prevenção que exige a abstinência, à legislação criminalizadora. O texto



foge das generalizações tradicionais e analisa a realidade de consumo da maconha no Brasil, ao longo da história, favorecendo a prevenção dos danos causados pelo abuso.

**KALINA, E. & GRYNBERG, H.** *Aos Pais dos Adolescentes*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

Análise psicológica da adolescência e do uso de drogas, inserido socialmente. Percepção da adolescência como um (re) nascimento, salto em direção a si mesmo, na construção da identidade. Alerta sobre a inevitável e necessária elaboração das perdas que acompanham esse despertar, tanto nos jovens - mudanças no próprio corpo, perda da bissexualidade/onipotência sexual, quanto nos pais - percepção da nova geração que se assume. Contextualização da sociedade moderna como enferma e paradoxal - comportamentos e dogmas incontestáveis e valorização da cultura 'jovem', dubiedade que desorienta a entrada no mundo adulto em meio a pressões e imposições. Dúvidas, agressões, questionamentos, o que o adolescente sente, pensa, o que lhe dizem, marcam este processo complexo de passagem da infância para a vida adulta, partindo da submissão para a autonomia. Crítica do clima de controle, competição/rivalidade dos pais, expressão de uma inadequada resolução dos seus próprios conflitos emocionais. Identificação dos elementos da crise - o sentido da vida, imagem/papel de cada um na família, sentimento de inveja e frustração dos pais, ritmo acelerado das mudanças, mudanças que implicam em suportar a incerteza das coisas não definitivas. Caracterização da família saudável e da família patológica. A droga como símbolo de potência. A dependência de drogas como submissão, projeto de morte, um entregar dos pontos de todos - sociedade e família, estando os jovens no lugar de bodes expiatórios.

**MONTEIRO, S.** *Qual Prevenção? Aids, Sexualidade e Gênero em uma Favela Carioca*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

A partir de uma abordagem antropológica, o trabalho descreve as trajetórias biográficas e as experiências sociais do gênero e da sexualidade de rapazes e moças, moradores da favela de Vigário Geral (RJ), focalizando as representações e práticas de auto-proteção. Segundo a autora o perfil tradicional da sociedade brasileira, articulado à situação socioeconômica das camadas populares urbanas, imprime uma especificidade no significado de proteção pelo fato de atualizar e reforçar o valor das relações pessoais em oposição à noção de direitos do cidadão. Quer dizer, se no imaginário social o familiar tende a proteger, em um contexto relacional marcado pela desigualdade social, pela violência, pela convivência com o



comércio ilícito de drogas e estigmas sociais como pobreza e marginalidade, essa associação tende a ganhar maior relevância e significado. Tal lógica foi observada entre os jovens tanto em relação à prevenção do HIV/Aids, como nas reações diante das ameaças do cotidiano. A descrição da lógica do (não) uso do preservativo é ilustrativa. Conquanto seja um recurso disponível e reconhecido pelos jovens como o principal meio da prevenção, a identificação da camisinha com os elementos do universo da 'rua' (não familiar), entre outras representações acerca da AIDS e do valor simbólico da maternidade, dificultam a sua incorporação no mundo protetor (familiar) da 'casa'. Esta discussão contribui para a compreensão da falta de convergência entre os comportamentos adotados pelos sujeitos sociais e o conhecimento e eventual acesso que têm aos meios de prevenção. A lógica cultural de proteção do grupo estudado, contraposta ao discurso preventivo hegemônico fundado nos pressupostos do modelo biomédico e da psicologia comportamental, exemplifica a necessidade de se elaborar alternativas mais adequadas às singularidades materiais e simbólicas dos variados segmentos sociais.

**RAFAEL, A.** *Um Abraço para Todos os Amigos: algumas considerações sobre o tráfico de drogas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduff, 1998.

Estudo etnográfico sobre algumas questões relacionadas ao tráfico de drogas e à criminalidade no Rio de Janeiro. Crítica às armadilhas do discurso erudito, do discurso da mídia sobre o comércio de drogas, afirmando a oportunidade de compreender a sociedade brasileira hoje, o sistema de poder do comércio ilícito de drogas e suas relações exteriores. O texto privilegia a voz dos envolvidos - traficantes, consumidores, polícia, sociedade civil, instaurando um diálogo de construção de um 'pensamento outro' fruto do encontro do pensamento do 'outro' com o nosso, afastando-se das pré-concepções teóricas, dos preconceitos de ordem moral, das visões compartimentadas sobre drogas/tráfico, consumidor/traficante, asfalto/favelas, pobres/ricos, policial/bandido, dependência física/psicológica, drogas leves/pesadas, consumidor/mercadoria. Proposta de se colocar em prática uma máxima nietzschiana - não existem fenômenos morais, apenas uma interpretação moral dos fenômenos, introduzindo o conceito de poder na redefinição do 'problema', apontando jogos de força, a imposição de uma visão dominante acerca do fenômeno que cala muitas vozes. Com a releitura do tema, sugere a possibilidade de entendimento da reversibilidade das posições e situações, a estrutura fluídica e movimentada do que se chama de 'tráfico'.



**CADERNOS DE SAÚDE PÚBLICA.** Redução de Danos: marcos, dilemas, perspectivas, desafios. Rio de Janeiro: volume 22, número 4, Ensp/Fiocruz, 2006.

Série de artigos sobre o consumo de drogas e disseminação entre seus usuários do HIV e outras doenças de transmissão sanguínea e sexual, tendo em vista as diferentes propostas de solução do problema. A publicação estimula a reflexão sobre o que tem sido feito e formula novas questões, entre as quais, a evolução do conhecimento em HIV/Aids, as diferentes condições médicas e problemas familiares e sociais, a (re)concentração da epidemia em populações particularmente vulneráveis e com menor capacidade de mobilização e reivindicação, a prevenção democrática que tem nos usuários de drogas uma população estratégica pela combinação de danos e riscos aos quais está sujeita. Diferentes autores escrevem sobre o acesso dos usuários de drogas injetáveis ao tratamento, abstinência *versus* redução de danos, histórico da epidemia de Aids entre usuários de drogas brasileiros, estudos comparados de projetos e programas no Brasil e em alguns outros países, entre outros. Os artigos são escritos em inglês, com resumo em português.

## ■ Filmes

**Meu nome é Joe,** Irlanda, direção de Ken Loach, 1998.

História exemplar sobre situações de conflitos decorrentes do uso de drogas, no contexto atual. Conta a história de vida de Joe, ex-alcóolatra, desempregado, atualmente dinamizador de um time de futebol formado por jovens em situação de risco social, sendo um deles dependente de heroína. Conflitos decorrentes das normas estabelecidas pelo Estado em situação de desemprego, do uso de drogas hoje consideradas ilícitas, da relação entre usuários de drogas e profissionais de saúde mesmo no cotidiano da redução de danos, de casos de overdose e da violência que permeia a relação atual com as drogas. Disponível no Centro de Tecnologia Educacional (CTE), em vídeo, a partir outubro de 2006.

**O Bicho de Sete Cabeças,** Brasil, direção de Laís Bodansky, 2000.

Os danos decorrentes da política antidrogas, a tragédia da internação indevida e do sistema manicomial. História de Neto, adolescente de classe média que leva vida normal até o dia em que o pai o interna em um manicômio, depois de encontrar um baseado no bolso de seu casaco. O cigarro de maconha deflagra a tragédia familiar. As emoções e rebeldia da



adolescência, o medo do pai de perder o controle sobre o filho, a realidade absurda e desumana do sistema manicomial corrupto e cruel promovem a transformação do filho na sua relação com o pai.

### **Réquiem para um Sonho, EUA, direção de Darren Aronofsky, 2000**

Filme sobre o uso abusivo e danos decorrentes não só de drogas proibidas por lei, como também de drogas de uso legal e prescritas pela medicina. O filme apresenta dois caminhos de incursão no mundo das drogas. O primeiro é bastante conhecido e trata do uso abusivo de drogas proibidas por lei: dois amigos (Harry e Tyrone) começam a usar drogas por diversão. A idéia de vendê-las parece uma alternativa para ganhar dinheiro facilmente. Mas, o que parecia um sonho, tendo em vista a ilegalidade do consumo e venda dessas drogas e a violência associada, torna essa alternativa um pesadelo. O segundo caminho, uso de uma droga de produção, venda e consumo permitido por lei, embora muito comum na realidade, é pouco retratado no cinema, por isso talvez seja a grande 'sacada' do filme. A mãe de Harry, Sara, uma dona de casa viúva, seduzida pelo sonho de aparecer num programa de auditório, deseja perder peso e, como não consegue emagrecer com regime alimentar, recorre às anfetaminas receitadas por um médico. Nos dois casos a dependência é retratada como inevitável e o destino das personagens, cruel, levando assim à conclusão, pelo menos nesses casos mencionados, que o uso abusivo de drogas é prejudicial e para alguns usuários esse tipo de uso - quando a droga se torna o objeto do desejo - é uma resposta a uma vida vazia, em que seus sonhos são percebidos como miragens da sociedade de consumo. Uma visão bastante amarga da realidade, mas sem dúvida expressiva do tipo de relação sujeito/droga, padronizado atualmente. A droga percebida como uma mercadoria qualquer, substituídos os controles coletivos que colocavam limites ao uso abusivo pela noção do sujeito como *objeto* dos ditames da sociedade de consumo. No primeiro caso, o uso abusivo de drogas proibidas por lei, o contexto da criminalização e violência associados favorecem sem dúvida os danos vividos pelos personagens. No segundo caso, a própria prescrição médica, um dos controles coletivos que poderia reduzir danos, pelo contrário, ela própria se subordina às regras de um padrão de corpo perfeito, valorizado pela mídia.



## ■ Sites

[www.adolescencia.org.br](http://www.adolescencia.org.br)

Dúvidas sobre a adolescência e informações sobre saúde, DST, Aids, gravidez, métodos anticoncepcionais.

[www.aids.gov.br](http://www.aids.gov.br)

Portal informativo sobre Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis.

[www.senad.gov.br](http://www.senad.gov.br)

Secretaria Nacional Antidrogas (Senad)

Informações sobre leis, prevenção, tratamento, serviços, publicações, numa abordagem antidrogas.

[www.obid.senad.gov.br](http://www.obid.senad.gov.br)

Observatório Brasileiro de Informações sobre Drogas (Obid)

Informações sobre redução de demanda, de oferta, pesquisas, publicações a partir da abordagem antidrogas.

[www.abiaids.org.br](http://www.abiaids.org.br)

Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia)

Informações sobre atividades (projetos, oficinas), publicações (boletins, anais, relatórios), banco de dados (teses, monografias), direitos humanos (artigos, crônicas, opinião), HIV (perguntas mais freqüentes e dados epidemiológicos).

[www.alcoolicosanonimos.org.br](http://www.alcoolicosanonimos.org.br)

Alcoólicos Anônimos (AA)

Irmandade de homens e mulheres que compartilham suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo, tendo como único requisito para se tornar membro o desejo de parar de beber. Informações sobre grupos no Brasil e em outros países, princípios, publicações, eventos.



[www.cebrid.epm.br](http://www.cebrid.epm.br)

Centro Brasileiro de Informações de Drogas (Cebrid). Dados sobre o consumo de drogas psicotrópicas, entre estudantes do ensino fundamental e médio em 27 capitais brasileiras/2004. Dados sobre consumo de drogas psicotrópicas, levantamento domiciliar. Catálogo de publicações científicas, boletins etc.



